

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Seremos o espelho dos nossos pais? A influência da Vinculação ao Pai e à Mãe na Identificação Partidária

Beatriz Ferreira Carvalho

M

2018



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

SEREMOS O ESPELHO DOS NOSSO PAIS?
A INFLUÊNCIA DA VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE NA
IDENTIFICAÇÃO PARTIDÁRIA

Beatriz Ferreira Carvalho

Outubro 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área Clínica e da Saúde,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada
pelo Prof. Doutor Patrício Costa (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer ao Prof. Doutor Patrício Costa pelo voto de confiança que depositou em mim desde o início desta etapa e, por ter sido uma constante fonte de motivação ao longo do meu trabalho.

Gostaria de agradecer à minha família pelo apoio, preocupação e interesse que mostraram pelo meu trabalho.

Agradeço ainda às minhas Psis, pela amizade, carinho, por terem sempre acreditado em mim e por serem a personificação de casa ao longo destes anos.

À Maria e à Fabiana pelo incentivo, pela ajuda nos momentos difíceis e pelo suporte e apreço constante.

Por fim, agradeço aos meus amigos e colegas de curso, por estarem sempre presentes nas minhas vitórias e nas dificuldades e por todo o afeto.

Resumo

O principal objetivo desta investigação é estudar de que forma surge a identificação partidária, com foco no papel dos pais ao longo deste processo. Mais especificamente, dar-se-á relevo à Vinculação ao Pai e à Mãe e como esta se associa ao facto do participante possuir escolhas partidárias similares ou distintas dos pais. Trata-se de um estudo analítico que foi levado a cabo através de recolhas pessoais da investigadora em faculdades e noutros contextos frequentados por jovens-adultos. O questionário aplicado incluiu dois instrumentos: o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM, Costa & Matos, 2001) e um questionário sobre identificação partidária, participação política e ainda uma vertente sociodemográfica.

Os resultados desta investigação revelaram algumas variáveis como estando associadas a uma escolha partidária do participante similar à da mãe como a igualdade ou diferença de escolhas partidárias do pai, os estilos de vinculação à mãe, os estilos de vinculação ao pai e a interação entre os estilos de vinculação ao pai e à mãe.

Relativamente a uma escolha partidária do participante similar ou distinta à do pai, apenas a variável da igualdade ou diferença de escolhas partidárias à mãe revelou-se significativa. O género, a idade e a frequência com que se fala sobre campanhas eleitorais não revelaram ser variáveis significativas na construção da identificação partidária do participante.

Cada vez mais, a identificação partidária e o comportamento eleitoral são influenciados por diversos fatores externos ao indivíduo como a escola, os pares e os media. No entanto, os pais continuam a ser o principal fator socializador relativamente ao domínio político. Posto isto, ressalva-se com esta investigação a importância e a influência dos pais na formação política do indivíduo, sendo igualmente importante a discussão destes temas no seio familiar.

Palavras-chave: Identificação Partidária, Teoria da Vinculação, Jovens-Adultos

Abstract

The main objective of this research is to study the way in which party identification emerges, focusing on the role of parents in this process. More specifically, the attachment with the Father and the Mother will be emphasized and its association with the participants having similar or different party choices from their parents. It is an analytic study that has been carried out through personal collections of the researcher on faculties and in other contexts frequented by young adults. The applied questionnaire included two instruments: the *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM, Costa & Matos, 2001) and a questionnaire about the participants' party identification, political participation and also a sociodemographic aspect.

The results of this research revealed some variables as being associated with the choice of the participant similar to that of the mother, such as the equality or difference of parental choices of the father, the attachment style to the mother, the styles of attachment to the father and the interaction between the styles of attachment to the father and mother. With respect to a choice of party of the participants that is similar to or distinct from the father, only the variable of equality or difference in parental choices to the mother was significant. Gender, age, and how often they talk about election campaigns at home have not been deemed significant predictors of the participant's party identification.

Increasingly, party identification and electoral behavior are influenced by a number of factors external to the individual such as school, peers, and the media, yet parents continue to be the main socializing factor relative to the political realm. Having said this, the importance and influence of parents in the political formation of the individual is emphasized, as is the discussion of these issues within the family.

Keywords: Party Identification, Attachment Theory, Young-Adult

Resumé

L'objectif principal de cette recherche est étudier la manière dont l'identification des partis se déroule, en mettant l'accent sur le rôle des parents dans ce processus. Plus précisément, la relation d'attachement au père et à la mère et comme elle est associée au fait que le participant a des choix de partis similaires ou différents des parents' sera soulignée. C'est une étude analytique qui a été réalisée à travers de collectes de données personnelles du chercheur dans les facultés et dans d'autres contextes fréquentés par de jeunes adultes. Le questionnaire appliqué comprenait deux instruments : le *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM, Costa et Matos, 2001) et un questionnaire sur l'identité et participation politiques, ainsi qu'une dimension sociodémographique.

Les résultats de cette enquête ont révélé certaines variables associées à un choix politique du participant similaire à celui de la mère comme l'égalité ou la différence des choix politiques du père, les styles d'attachement à la mère, les styles d'attachement au père et l'interaction entre les styles d'attachement aux père et mère. En ce qui concerne le choix politique des participants similaire ou distinct du père, seule la variable d'égalité ou de différence dans les choix politiques de la mère était significative. Le sexe, l'âge et la fréquence avec laquelle on parle de campagnes électorales ne se sont pas révélés comme variables significatives dans la construction de l'identité politique du participant.

De plus en plus, l'identité politique et le comportement électoral sont influencés par un certain nombre de facteurs externes à l'individu tels que l'école, les pairs et les médias. Cependant les parents continuent d'être le principal facteur de socialisation dans le domaine politique. Cela dit, l'importance et l'influence des parents dans la formation politique de l'individu sont soulignées dans cette enquête, tout comme la discussion de ces sujets au sein de la famille.

Mots-clés : Identité Politique, Théorie d'Attachement, Jeunes Adultes

Índice

Enquadramento Teórico	1
1. Introdução	1
2. A evolução política em Portugal	2
3. Formação da Identificação Partidária	3
4. Evolução da Identificação Partidária	5
5. Papel da Identificação Partidária	7
6. A Identificação Partidária nas Relações Familiares	9
7. O impacto da Vinculação na Construção da Identidade Pessoal	11
Estudo Empírico	15
1. Objetivo da Investigação	15
2. Hipóteses de Investigação	15
3. Metodologia	17
3.1. Processo de Seleção e Recolha da Amostra	17
3.2. Participantes	18
3.3. Instrumentos	18
3.4. Procedimento da Análise e Tratamento dos Dados	20
Discussão	37
Conclusão	46
Referências Bibliográficas	47
Anexos	51

Enquadramento Teórico

1. Introdução

Desde o início dos tempos a política foi alvo de grande atenção e importância uma vez que permitia estabelecer a ordem e a democracia nas civilizações. Com o passar dos tempos, a política foi fundamental para a evolução das democracias até aos dias de hoje surgindo assim, partidos políticos com ideais distintos e, por sua vez, a identificação partidária. Posto isto, é fundamental analisar as atitudes dos indivíduos ao que concerne às matérias políticas, surgindo assim vários modelos que pretendem estudar os comportamentos eleitorais dos indivíduos.

O modelo básico do comportamento eleitoral que realça o papel fundamental das atitudes dos indivíduos na determinação do voto denomina-se de Modelo Socio-Psicológico (Lewis-Beck, Jacoby, Norpoth & Weisberg, 2008). É possível afirmar-se que são vários os fatores que efetivamente afetam o voto sendo que, os fatores que exercem poder no voto mudam de indivíduo para indivíduo. As pessoas mais próximas do indivíduo como o companheiro, amigos e conhecidos são mais frequentemente fontes de informação acerca de matérias políticas do que, simplesmente, discordarem da decisão política de outra pessoa sem fazer uma avaliação sobre a mesma (Lewis-Beck, Jacoby, Norpoth & Weisberg, 2008). Votar pode ser visto como sendo influenciado por fatores psicológicos sendo que as atitudes dos sujeitos relativamente às várias componentes expressas no conflito político compreendem um “campo de forças” que ajuda na determinação o comportamento (Lewis-Beck et al., 2008).

Desde há muito tempo que tem sido observado que os indivíduos são estáveis nas suas decisões partidárias, entre várias eleições. Key (1959) descreve esta estabilidade como uma decisão permanente do eleitor com vista a apoiar determinado partido. O pressuposto subjacente à concetualização de “Identificação partidária” é que esta é bastante estável na vida dos indivíduos e, devido a esta estabilidade a nível individual, o partidarismo é também relativamente estável a um nível agregado (Niemi & Weisberg, 2001). A estabilidade a nível de agregado, face a mudanças, tanto nos candidatos como relativas a outras questões de eleição para eleição, subentende que muitos eleitores possuem um vínculo estável a certo partido (V. O. Key, 1959).

2. A evolução política em Portugal

Debruçando-nos agora nas Atitudes partidárias referentes à população portuguesa é possível observar mudanças ao longo dos tempos e as preferências dos portugueses relativamente à Identificação Partidária.

No que concerne às simpatias e antipatias partidárias da população portuguesa, constatou-se uma clivagem acentuada entre os sujeitos que dão uma resposta positiva à oferta político-partidária disponível, manifestando graus distintos de identificação com qualquer partido, e os sujeitos denominados de “independentes”, isto é, aqueles que revelaram que não possuem qualquer identificação com um partido político. A clivagem divide os portugueses praticamente ao meio, segundo determinações sociodemográficas e económicas previsíveis: a não identificação partidária é predominante entre as mulheres, os idosos, os sujeitos menos instruídos e aqueles com menos possibilidades económicas, categorias estas relacionadas entre si (Cabral, 1995).

O inquérito de 1997, em que se baseia o estudo de Cabral em 2000, confirmou a debilidade da identificação retratada pelos eleitores portugueses relativamente à oferta político-partidária disponível. É necessário desconstruir a expressão “identificação expressa” sendo que se trata de uma resposta positiva à pergunta: «Tem simpatia por algum dos partidos políticos portugueses ou não tem simpatia por nenhum deles?», feita em Maio-Junho de 1997, fora de qualquer conjuntura eleitoral sendo que a pergunta referida anteriormente gerou, com efeito, 43% de respostas negativas e 3% de recusas contra uma escassa maioria de 54% de respostas positivas.

Mesmo que os sujeitos se sintam insatisfeitos com a atual oferta político-partidária ou relutantes em afirmarem a sua identificação com ela, o eleitorado não deixou de usar o direito de voto para se posicionar perante ela (Cabral, 2000). Já em contrapartida, a abstenção eleitoral está diretamente correlacionada com a recusa e/ou incapacidade de se posicionar ideologicamente.

Em Portugal, os estudos do comportamento eleitoral e das atitudes políticas são bastante recentes, datando em grande parte do período posterior à democratização de 1974. O regime ditatorial de Salazar utilizou as eleições para confirmar a sua permanência no poder. Refere-se ainda que, nenhum outro país teve tantas eleições

nacionais — e com tão escasso efeito direto – como Portugal sob o Estado Novo (Jalali & Cabral, 2003). O voto e clivagem de classe social encontram-se numa posição bastante baixa sendo que a denominação religiosa e a região parecem ser determinantes com bastante poder (Jalali & Cabral, 2003).

As análises dos dados agregados de Freire (2001b) e Nataf (1987) confirmam a importância da religião e da classe social. Verifica-se assim, uma maior preferência por partidos de direita nas áreas mais religiosas e de classe capitalista e uma maior preferência por partidos de esquerda nas áreas mais seculares e de classe trabalhadora sendo que dados mais recentes vão ao encontro da conclusão acima tirada (Jalali & Cabral, 2003).

3. Formação da Identificação Partidária

Inicialmente, a operacionalização do conceito de Identificação Partidária era feita perguntando aos indivíduos a seguinte questão “Generally speaking, do you think of yourself as a Republican, a Democrat, as Independent or What?”. Os indivíduos que respondiam a esta questão, posicionando-se num dos partidos eram questionados com a seguinte pergunta “Would you call of yourself a strong (Republican, Democrat) or not very strong (Republican, Democrat)?”. Já aos indivíduos que respondiam que eram *Independentes* era-lhes questionado “Do you think of yourself as closer to the Republican or Democratic party?” (Campbell, Converse, Miller, and Stokes, 1960). Estas questões tinham o intuito de medir tanto a *direção* como a *intensidade* da identificação, dos indivíduos para com os partidos.

A identificação partidária é considerada como uma identificação psicológica com um partido. A maior parte dos cidadãos americanos formam uma identificação ou com o partido *Democrático* ou com o *Republicano*, identificação que afeta fortemente as suas atitudes dos indivíduos, bem como o seu comportamento eleitoral politicamente (Lewis-Beck, Jacoby, Norpoth & Weisberg, 2008). Relativamente aos eleitores denominados de *Independentes* alguns destes indivíduos não possuem qualquer vínculo positivo com qualquer partido. Cada vez mais, os indivíduos absorvem a ideia que o voto devia ser feito com base na pessoa e não no partido, o que acaba por reforçar a

ideia de que é importante ser considerado Independente politicamente (Lewis-Beck et al., 2008).

Ao considerar-se o partidarismo como uma identificação partidária, é possível observar a identificação como a orientação afetiva do indivíduo, relativamente ao grupo. O indivíduo pode estabelecer uma identificação com certo partido político, sendo que essa identificação pode ser vista como positiva ou como negativa (Lewis-Beck et al., 2008). Ao perspetivar a orientação partidária como algo que se prende à identificação psicológica, permite analisar-se situações como quando o indivíduo não vota no partido que costuma habitualmente votar, votando num outro partido oposto (Lewis-Beck et al., 2008).

A identificação partidária leva ainda a uma consistência interna no campo pessoal das atitudes políticas. O partidarismo permite que os indivíduos tenham uma determinada perceção das situações baseadas nas suas próprias crenças partidárias o que afeta a forma como o indivíduo perspetiva as matérias políticas. Quanto mais forte for o vínculo partidário, maior será a seleção dos eventos políticos percebidos e, por isso mesmo, mais serão as atitudes partidárias consistentes. Em oposição, espera-se que os Independentes tenham uma menor consistência nas suas atitudes partidárias (Lewis-Beck et al., 2008). Os indivíduos cujas atitudes são consistentes com o seu partidarismo terão a sua identificação partidária reforçada por essas mesmas atitudes. Estas atitudes ajudarão os indivíduos a manter o seu vínculo partidário, enquanto discutem acerca de política com outras pessoas durante o tempo de eleição. Todavia, se a atitude partidária de um indivíduo for inconsistente com o partido que apoia, a identificação partidária poderá ajudar a mudar essas atitudes partidárias (Lewis-Beck et al., 2008).

As atitudes partidárias, aos olhos de uma perspetiva sociopsicológica, podem ser consideradas duas construções teóricas distintas mas relacionáveis. Em primeira instância, o partidarismo adapta-se à definição psicológica de atitude, uma resposta positiva ou negativa, generalizada e duradoura referente a um objeto (Petty e Cacioppo, 1981, citado em Greene, 2002). Quer se considere o partidarismo como uma orientação afetiva hereditária, de longa durabilidade (Campbell, Converse, Miller e Stokes, 1960), produto endógeno das avaliações a partidos, candidatos e economia (Fiorina, 1981; Franklin e Jackson, 1983, citado em Greene, 2002) ou, um esquema complexo de atitudes políticas relacionadas, existe um acordo implícito de que o partidarismo

representa uma resposta avaliativa para partidos políticos. Em segunda instância, poucos desafiam o facto de a identificação partidária representar uma instância do conceito sociopsicológico de identificação grupal (Greene, 2002). Os autores esperam que a identificação partidária tenha um efeito direto no comportamento de voto dos indivíduos que não possuem atitudes partidárias bem desenvolvidas.

A identificação partidária de um sujeito é a peça mais importante de informação que se pode obter para ajudar a compreender as suas atitudes políticas e, consequentemente, a sua escolha de voto (Lewis-Beck et al., 2008). Os autores suprarreferidos consideram importante analisar a relação entre a identificação partidária e o envolvimento político sendo que, quanto mais forte for o vínculo a um partido melhor será o envolvimento político do indivíduo.

4. Evolução da Identificação Partidária

A afiliação de cidadãos com os principais partidos políticos tem sido analisada a partir de uma série de perspetivas: partido como identificação partidária, como guia para a escolha eleitoral, para a avaliação do candidato e como objeto de afeto (Niemi & Weisberg, 1993). Em cada caso, os dados confirmam um declínio no vínculo dos cidadãos aos partidos políticos. A afiliação partidária, uma vez que é o fio central que liga o cidadão e o processo político, é um fio que está sem dúvida desgastado (Niemi & Weisberg, 1993). No entanto essas mudanças, na profundidade e estabilidade do vínculo partidário, confirmaram uma das conclusões dos primeiros estudos que enfatizaram a centralidade do facto de ser um compromisso habitual de longo prazo dos indivíduos (Niemi & Weisberg, 1993). Olhando como uma modelização teórica, a identificação partidária possuía o estatuto de variável independente (exógena) que explicava, em parte, a adesão do indivíduo a determinadas posições políticas, bem como na avaliação do candidato e, subsequentemente, a sua intenção de voto (Campbell et al., 1960).

Fiorina (1981) propôs uma importante visão alternativa da identificação partidária através da perspetiva da escolha racional, denominada de *“running tally”*, das reações dos indivíduos para os partidos (Lewis-Beck et al., 2008). A Teoria de Fiorina, em primeira instância, oferece uma explicação eminentemente política do fenómeno que

é a identificação partidária, com base no raciocínio de que, quando um cidadão começa a sua experiência como eleitor, a sua identificação partidária, caso esta exista, pode ser resultante da sua socialização política prévia, sendo que, com o passar do tempo e com o passar da sua experiência política, a Identificação Partidária torna-se cada vez mais o resultado da sua avaliação pessoal relativamente aos acontecimentos políticos (Carreirão & Kinzo, 2004). Em segunda instância, propicia um mecanismo explícito para entender as mudanças na identificação partidária. Se os partidos se posicionarem favoravelmente relativamente a interesses definidos, que respondem a determinadas clivagens socioeconómicas e, se os cidadãos se encontrarem na mesma situação socioeconómica ao longo do tempo, então poder-se-á esperar que a maioria dos cidadãos avalie consistentemente um partido como preferível a outros, de acordo com o posicionamento do indivíduo. Isto permitirá um contínuo fortalecimento da identificação partidária (Carreirão & Kinzo, 2004). Porém, quando os partidos são inconsistentes ao longo do tempo, e se a mobilidade social for exceccionalmente alta ou se novas questões emergirem regularmente, a identificação partidária dos cidadãos pode ser abalada (Carreirão & Kinzo, 2004).

Em geral, as avaliações tanto dos candidatos como dos temas políticos eram fortemente determinadas pelas identificações partidárias. Mas, excetuando circunstâncias muito inabituais, como crises sociais, económicas e políticas, a distribuição nacional das lealdades partidárias manter-se-ão intactas, podendo ainda dizer-se que, a identificação partidária é vista como mais estável que o voto (Campbell et al., 1960). É importante realçar a importância da história nas mudanças partidárias ao longo dos anos. Uma crise económica ou uma questão que divide os cidadãos deixa uma marca no grupo de eleitores com consequências políticas. A visão predominante da Identificação Partidária de que esta emerge de um trabalho prévio, é de que “um vínculo duradouro, não é facilmente perturbado por acontecimentos e personalidades” (Niemi & Weisberg, 2001). Com a evolução do campo da Socialização Política, investigadores foram identificando alguns fatores que transmitem informação para os indivíduos acerca de política e governação. Estes fatores da Socialização Política incluem a família (Jennings & Niemi, 1974, Citado em Murray, 2012 & Mulvaney) sendo os pais o principal agente da socialização. Existem evidências de que em casas politizadas se transmitem conteúdos políticos de forma mais efetiva (Beck & Jennings, 1991) e que a socialização é mais eficaz quando as crianças percebem precisamente as atitudes

políticas dos pais (Westholm, 1999). Esta ênfase nos pais e na transmissão imperfeita levanta a questão, se estas diferenças individuais na paternidade poderão afetar a transmissão de conteúdo político para as crianças (Murray & Mulvaney, 2012).

Uma consequência da transição para as sociedades industriais avançadas é o facto do valor funcional do partidarismo ir diminuindo. A transição provoca uma melhoria radical dos recursos políticos dos cidadãos. Em primeiro lugar, devido ao aumento acentuado no nível de educação e em segundo lugar devido a um a explosão dos *media* que leva a um aumento da quantidade de informação política disponível a todos os cidadãos (Berglund, Holmberg, Schimitt & Thomassen, 2005). Assim, a explosão dos *media* ocorre num momento em que os cidadãos estão a tornar-se mais capazes de processarem a informação que recebem. Como cidadãos sofisticados, não necessitam de orientação política oriunda dos partidos sendo que este desenvolvimento deve originar um declínio do partidarismo (Berglund et al., 2005).

5. Papel da Identificação Partidária

Tal como os indivíduos se identificam com religiões, raças e grupos étnicos, também se identificam com partidos políticos. Os partidos, como outros grupos, tendem a ser bastante estáveis acerca daquilo que defendem para que o partidarismo seja visto de forma apropriada como uma componente de longo-termo do sistema político (Niemi & Weisberg, 1993). A identificação partidária foi idealizada para originar a socialização das crianças na política, primeiramente através do seio familiar. As mudanças no partidarismo ocorreram, maioritariamente, como o resultado de realinhamentos partidários infrequentes (Niemi & Weisberg, 2001).

Estudos sobre a socialização política mostraram que os vínculos partidários começam já na infância e no início da adolescência (Jennings and Niemi, 1974, citado em Lewis-Beck et al., 2008). Mesmo não sendo capazes de expressar este sentimento nas urnas de voto, o típico adolescente americano não tem qualquer problema em expressar a sua lealdade partidária sendo que, na maior parte dos casos, essa lealdade

tem uma impressão dos pais. A identificação partidária de um jovem é uma herança de um dos seus pais (Lewis-Beck et al., 2008).

O conceito de identificação partidária originalmente desenvolvido pelos autores do “*The American Voter*” (Campbell, Converse, Miller, & Donald, 1960) baseou-se na psicologia social. Os autores trabalharam com o conceito de partidarismo como sendo uma atitude, fazendo a referência à Teoria Grupal para, sugerir que os sujeitos identificam-se com vários grupos, sendo exemplo disso os partidos, da mesma forma que se identificam como classes sociais e religiões (Niemi & Weisberg, 2001).

Com base nas Teorias de Socialização política, as atitudes dos sujeitos relativamente às matérias políticas, formam-se antes da idade necessária para votar sendo, muitas das vezes, um reflexo do ambiente do indivíduo como a sua família, grupos de amigos e conhecidos, havendo mais ênfase no contexto familiar. Pode-se afirmar que, as atitudes que um indivíduo obtém através da sua socialização, passam a constituir a estrutura da personalidade do indivíduo (Freire, 2001), “tornando-se assim base para a formação de opiniões, auto avaliações e propensões para a ação frente ao “ambiente” político mais amplo” (Campbell et al., 1960).

Relativamente à influência da identificação partidária na participação eleitoral, esta é mobilizadora sendo que, quanto mais forte for a identificação do indivíduo maior será o envolvimento político dos indivíduos, bem como a sua propensão para votar. Relativamente ao voto, a identificação partidária ajuda na avaliação dos candidatos e das suas medidas políticas, influenciando direta e indiretamente a escolha eleitoral dos indivíduos (Campbell et al., 1960). Contudo, as variações na intensidade da identificação partidária apenas explicam em parte as variações nas taxas de participação eleitoral (Freire, 2001). Com a intensidade da identificação partidária dos sujeitos e em parte explicáveis por ela (Campbell et al., 1960), estas medidas do envolvimento político tem um impacto independente sobre a participação, sendo que, quanto maior o envolvimento maior a propensão para votar (Campbell et al., 1960).

A Identificação Partidária tem sido tratada pelos modelos iniciais, como “exógena”, fatores determinantes pelo meio exterior e pelo ambiente, afetando as atitudes em relação aos candidatos e às suas questões e, a decisão de voto no entanto, não afetadas por essas variáveis (Niemi & Weisberg, 2001). Jackson (1975), Page & Jones (1979), Markus & Converse (1979) e Franklin & Jackson (1983) desenvolveram

modelos que tratavam a Identificação Partidária como “endógena”, fatores determinantes inerentes ao sujeito, com posições de emissão e votos anteriores que afetam o partidarismo. Existe ainda um nível elevado de continuidade nas avaliações partidárias, segundo Fiorina contudo, o partidarismo está constantemente a ser testado com informações acerca das atuais políticas. De acordo, com esta teoria o partidarismo é diretamente afetado pela política embora a identificação partidária ainda esteja “agarrada” no sentido de que o partidarismo do passado retarda a tendência de novos eventos para produzir mudanças. (Niemi &Weisberg, 2001).

A Teoria da Escolha Racional oferece outra perspectiva ao impacto da identificação partidária acerca da decisão de voto, questionando a idealização das lealdades vindas do processo de socialização como única fonte da identificação partidária (Carreirão & Kinzo, 2004). Para Downs (1957), a identificação partidária é explicada porque os partidos são referenciais que os eleitores utilizam para diminuir custos de obtenção e processamento das informações políticas, necessárias para a sua tomada de decisão. Um eleitor ao observar as atitudes e comportamentos de um certo partido em conformidade com os seus interesses individuais, permitirá que numa próxima eleição, possa usar essa informação prévia para decidir a sua escolha de voto, economizando os seus recursos, como é o caso do tempo, para se informar e tomar a sua escolha eleitoral (Carreirão & Kinzo, 2004).

6. A Identificação Partidária nas Relações Familiares

As dinâmicas que Campbell et al. postulou no “*The American Voter*” para a Identificação Partidária, são que esta se desenvolve tipicamente como parte da socialização da infância, como crianças com tendência para desenvolverem o seu partidarismo através dos seus pais, tornando-se assim forte e correspondentemente menos provável de mudar com a idade do indivíduo (Niemi &Weisberg, 2001).

A correspondência entre a identificação parental com a identificação reportada pelos filhos pode ser tida como uma medida de extensão de cada partido passado na próxima geração (Lewis-Beck, Jacoby, Norpoth & Weisberg, 2008). A evidência de uma correspondência intergeracional na identificação partidária é bastante persuasiva.

Em famílias onde existia ambos os pais com partidário consistente, perto de 3 em 4 filhos adotaram o partido dos pais (incluindo os que pendiam para os independentes). Apenas 1 em 10 filhos toma uma direção política oposta à dos seus pais atravessando as linhas partidárias. A maioria dos indivíduos que acabaram por não seguir as pisadas partidárias dos pais optou por ter o estatuto de *Independentes* (Lewis-Beck et al., 2008).

“*The parent-offspring survey*” permitiu capturar a importância da politização no seio familiar, sendo que, a transmissão da identificação partidária tem mais sucesso em lares politicamente ativos do que em casas em que os seus membros não são tão ativos.

Quando os pais falam frequentemente sobre política em casa as crianças tem mais propensão em adotar o partido dos mesmos. Já nas casas em que os membros são inativos relativamente à política, particularmente quando os pais expressam não se identificarem com nenhum partido, as crianças encontram-se à deriva no que toca às questões políticas. Acrescenta-se ainda que, a adoção de vínculos partidários requer a estimulação dos pais (Lewis-Beck et al., 2008).

Segundo o Sentido de Voto descrito no Modelo Sociopsicológico, a identificação dos indivíduos com os partidos políticos desenvolve-se através da socialização básica, particularmente através do contexto familiar. Os autores do “*The American Voter*” caracterizavam a identificação partidária como sendo algo que é transmitido de pais para filhos, sendo que a probabilidade de essa transmissão acontecer era maior quanto mais elevada fosse a identificação partidária dos pais (Campbell et al., 1960; Campbell et al., 1986)

A propensão das crianças a adotar os valores parentais são impulsionados por vários fatores como o desejo dos filhos em aproximarem-se dos pais, o clima emocional em que as mensagens são entregues e as próprias crenças dos filhos de que o valor-alvo é auto-gerado. Posto isto, na medida em que a criação de filhos gera um contexto relacional que promove o desenvolvimento da autonomia das crianças e facilita a existência de um clima emocional positivo, as crianças acabarão por estar mais recetivas aos valores transmitidos pelos seus pais (Murray & Mulvaney, 2012). Dados recolhidos por Jennings e Niemi (1968) com adolescentes e os seus pais, demonstraram variabilidade na semelhança política entre pais e filhos. Especialmente quando julgado contra as expectativas estabelecidas pela confiança em relatos retrospectivos de pais e filhos (Jennings, Stoker, & Bowers, 2009). A presença de pais politicamente homogêneos

e outros agentes aliados com os pais realçaram a fidelidade da transmissão (Jennigs & Niemi, 1974, Citado em Jennigs et al., 2009).

Se os pais forem envolvidos politicamente e frequentemente discutirem acerca política com os filhos, a transmissão aumenta substancialmente, particularmente nos tópicos de significância política em geral (Jennings et al., 2009). Eventos de regulação política como campanhas e eleições permitem oportunidades de socialização aos pais (Valentino & Sears, 1998). A reprodução política entre gerações ocorre com mais frequência quando as atitudes parentais são razoavelmente consistentes ao longo do tempo (Jennings et al., 2009).

Se o desenvolvimento político da criança foi iniciado pelos pais, este fator influencia como esse desenvolvimento vai acontecendo. Crianças que adquirem predisposições políticas cedo na vida, devido aos seus pais, são mais estáveis na sua fase adulta do que se tivessem saído de casa sem essa predisposição. As predisposições criadas cedo na vida acabam por persistir (Jennigs et al., 2009). Os pais não deixam de desempenhar o papel de pais após os filhos atingirem os 18 anos e por isso, estes continuam a possuir uma influência nos anos subsequentes sendo que, o filho, já não uma criança, pode também exercer influência nos pais em retorno (Jennigs et al., 2009).

7. O impacto da Vinculação na Construção da Identidade Pessoal

Existem vários papéis que os pais têm de desempenhar sendo um deles a influência que estes têm no comportamento do seu filho numa direção ou na oposta e a variedade de técnicas que pode usar para conseguir usufruir desta influência. Algumas das técnicas podem ser restritivas, outras terem uma intenção de disciplina e outras com o objetivo de encorajar a criança como, dar dicas e conselhos de como pode resolver um problema que a criança não esteja a conseguir resolver e controlar (Bowlby, 2008).

A Teoria da Vinculação realça que o primeiro estatuto e função biológica de ligações íntimas e emocionais entre sujeitos, a construção e manutenção dos mesmos que são feitos para serem controlados por um sistema cibernético situado no sistema nervoso central utilizando modelos do Eu e ao Outro. A Teoria da Vinculação diz-nos

também que a forma como os Pais, principalmente a figura maternal, cuida das crianças influencia muito o desenvolvimento criança (Bowlby, 2008).

A Teoria da vinculação presta uma particular atenção ao papel dos pais de uma criança na determinação de como ela se desenvolve ao longo do tempo. Atualmente, existem evidências impressionantes e com tendência a crescer de que o padrão de vinculação de um indivíduo desenvolve-se durante os seus anos de imaturidade, na infância e adolescência, e que é profundamente influenciado pela forma como os pais (ou outras figuras parentais) cuidam deles (Bowlby, 2008).

Quando a criança é alarmada por pistas que aumentam o risco de perigo ela tenta procurar aumentar a proximidade à figura de vinculação. Se a figura de vinculação demonstrar-se inacessível, seja através de ausência ou falta de respostas através de experiências anteriores, a criança enfrenta assim uma situação assustadora (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). A qualidade dos laços emocionais que se criam e se desenvolvem entre pais e filhos está dependente da natureza das interações caracterizadoras da dinâmica familiar, sendo que a teoria da vinculação destaca a sensibilidade por parte das figuras parentais para dar resposta às necessidades de segurança e proximidade da criança bem como a disponibilidade quer física quer emocional das mesmas, de forma a mostrar-se disponível e responsivo no momento em que a criança sente necessidade de procurar a sua figura de vinculação (Ainsworth et al., 1978).

Quando as figuras de vinculação são sensíveis e responsivas durante a interação com as crianças desenvolve-se uma vinculação segura que oferece condições para a criação de um desenvolvimento ótimo na relação do indivíduo com os outros permitindo-lhe assim uma melhor integração no meio. Quando estas condições não são satisfatórias, a criança poderá desenvolver uma vinculação insegura, revelando ter algumas dificuldades no desenvolvimento emocional, na regulação do afeto e na integração pessoal. A consistência das atitudes e comportamentos parentais positivos revela ter um papel essencial no desenvolvimento de uma atitude de confiança na criança. A teoria da vinculação diz-nos ainda que a capacidade dos pais providenciarem uma base segura aos filhos, encorajando-os a explorar o mundo à sua volta, tem um papel de grande importância (Ainsworth et al., 1978).

Na Teoria da Vinculação existem três padrões de vinculação descritos pela primeira vez por Ainsworth e os seus colegas em 1971 sendo agora vistos como confiáveis em conjunto com as condições familiares que os promovem (Bowlby, 2008).

O primeiro padrão de vinculação é o Seguro, em que o indivíduo acredita que a sua figura de vinculação estará sempre disponível, responsivo e útil para ele caso este necessita de recorrer ao mesmo em situações adversas ou assustadoras. Este padrão defende que a figura de vinculação está sempre disponível e sensível aos sinais da criança, mantendo uma postura de responsividade e de carinho quando a criança procura protecção e/ou conforto (Bowlby, 2008). O segundo padrão é de vinculação Ansioso/Ambivalente em que o indivíduo não tem a certeza que a sua figura de vinculação estará disponível, responsivo ou útil quando ele precisar. Este padrão é promovido por uma figura paternal disponível e útil em algumas situações, mas não em todas, e por separações e, como é demonstrado em resultados clínicos, por ameaças de abandono como forma de controlar a situação (Bowlby, 2008). O terceiro padrão de vinculação é o Ansioso/Evitante em que o indivíduo não possui confiança em que, quando ele procura cuidados os vai receber, muito pelo contrário, que seja rejeitado. Este padrão é o resultado de uma mãe que rejeita o indivíduo constantemente quando este procura conforto ou protecção (Bowlby, 2008).

Como forma de se explicar a tendência dos padrões de vinculação passarem a ser cada vez mais propriedade do próprio indivíduo, a teoria da vinculação invoca o conceito de Modelos de Si e dos Pais (Bowlby, 2008). Relativamente às formas que eles tomam, as evidências sugerem fortemente que são baseadas na experiência da vida real da criança das suas interações diárias com os seus pais. Posteriormente, o próprio modelo de si mesmo que o indivíduo constrói reflete as imagens que os pais têm dele, imagens estas que não só comunicadas pela forma como cada um deles o trata mas também pela forma como cada um deles diz ao indivíduo. Estes modelos governam como ele se sente com cada um dos pais e consigo próprio, como ele espera que eles o tratem e como ele planeia os seus comportamentos para com eles. Uma vez construído, as evidências sugerem que esses modelos dos pais em interação com os modelos do próprio indivíduo tendem a persistir e são tão aceites que eles funcionam num nível inconsciente (Bowlby, 2008). É então, em interações constantes e consistentes entre as figuras de vinculação e a criança, que esta é capaz de perceber o que pode esperar da

parte deles, surgindo assim, uma base de representações mentais ou os modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1973).

Após uma análise de estudos empíricos realizados anteriormente no campo da vinculação, Bartholomew e Horowitz (1991) trouxeram um novo contributo a este campo baseando-se numa dicotomização, positiva ou negativa, representada no Modelo de Si Próprio e do Outro desenvolvido nos Modelos Internos Dinâmicos propostos por Bowlby. Os autores criaram um Modelo Bi-Dimensional de avaliação da vinculação no adulto e propuseram quatro protótipos de vinculação, o *Seguro*, que possui uma Imagem de Si e dos Outros positiva, caracterizado pelo bem-estar, proximidade e dependência nos outros todavia sendo autónomo e capaz de aceitar apoio vindo da figura de vinculação; o *Desinvestido*, que possui uma Imagem positiva de si porém negativa dos outros, caracteriza-se por distanciar-se dos outros, não conseguir depender dos demais nem de vê-los com uma base segura; o *Preocupado*, que possui uma Imagem negativa de si todavia uma imagem positiva do Outro, estes indivíduos dependem excessivamente dos outros, originando altos níveis de ansiedade de separação, pondo em risco a sua autonomia e individualidade; por último temos o *Amedrontado*, com uma Imagem negativa tanto de si como do outro, estes indivíduos possuem níveis bastante baixos no que concerne à intimidade e ao seu envolvimento romântico, não dependem dos outros não os vendo como uma base segura (Bartholomew & Horowitz, 1991; Matos, 2002). Estudos realizados confirmam esta estrutura bi-dimensional na organização representacional da vinculação no adulto, sobressaindo, maioritariamente, a convergência e a fiabilidade de vários métodos na avaliação dos protótipos (Matos, 2002).

À luz da teoria da vinculação, o comportamento de vinculação permanece ativo ao longo dos tempos de juventude e até durante a idade adulta em situações que se assemelham às que aconteciam durante a infância porém adaptadas à faixa etária onde se encontra o sujeito. Portanto, em momentos em que o sujeito se sente ameaçado, como doenças, perigos inesperados, desastres, entre outros, o sujeito procura uma proximidade real ou imaginada de uma figura com quem o sujeito adulto tenha desenvolvido uma relação de confiança (Matos, 2002).

Estudo Empírico

1. Objetivo da Investigação

O objetivo principal desta investigação consiste em perceber de que forma se constrói a identificação partidária do indivíduo, estudando mais especificamente o grau de influência dos pais na formação da Identificação Partidária dos filhos, nomeadamente através da relação de vinculação entre os Pais e os Filhos. Pretende-se ainda identificar os fatores que influenciam a tomada de decisão dos filhos de se identificarem com o mesmo partido político que os seus pais e quais os fatores que detêm um maior peso na decisão.

Desta forma, espera-se compreender de que forma estão os indivíduos dependentes dos valores transmitidos pelos pais durante a infância até à idade presente e qual o tipo de relação pai-filho predomina nas decisões partidárias dos sujeitos.

2. Hipóteses de Investigação

Tendo em conta os objetivos anteriormente delineados, surgem algumas hipóteses de investigação que irão ser testadas com este estudo.

Num estudo de Benson et al. (1992) os autores identificam diferenças de género, relativamente ao género das figuras parentais, no sentido em que observaram valores mais satisfatórios na vinculação à mãe (mas não ao pai) nas raparigas por comparação aos rapazes (Matos, 2002). A realidade da Cultura Portuguesa concede um papel de pilar essencial ao papel parental, nomeadamente e em destaque, ao papel materno. Verifica-se ainda que, o papel materno continua preponderante até bastante tarde, muito devido ao facto de cada vez mais ser mais tardia a idade em que os jovens saem de casa da sua família. Isto, em comparação com outras realidades ocidentais que incutem a vivência entre pares através de fraternidades, internatos e campos de férias (Rocha, 2008). Lança-se assim as hipóteses de que **(H1)** Existem diferenças na Qualidade do Laço Emocional ao Pai e à Mãe; **(H2)** Espera-se que os participantes tenham uma vinculação mais positiva com os progenitores do mesmo género.

Levanta-se a questão de que Os Estilos de vinculação ao Pai e à Mãe estão associados à Identificação Partidária. Esta questão deriva da evidência que os vínculos partidários começam já na infância e no início da adolescência (Jennings and Niemi, 1974, citado em Lewis-Beck, 2008) e, sendo que nesse tempo os indivíduos passavam a maior parte do tempo com os Pais, acabavam por ser influenciados por estes a vários domínios, nomeadamente, no domínio político. As dinâmicas que Campbell et al. postulado no *"The American Voter"* para a Identificação Partidária, são que esta se desenvolve tipicamente como parte da socialização da infância, como crianças com tendência para desenvolverem o seu partidarismo através dos seus pais, tornando-se assim forte e correspondentemente menos provável de mudar com a idade do indivíduo (Niemi & Weisberg, 2001).

A propensão das crianças para adotarem os valores parentais é impulsionada por vários fatores, onde estão inseridos, o desejo dos filhos em aproximarem-se dos seus pais, o clima emocional em que as mensagens são entregues e as próprias crenças dos filhos de que o valor-alvo é auto-gerado. Posto isto, na medida em que a criação de filhos gera um contexto relacional que promove o desenvolvimento da autonomia das crianças e facilita a existência de um clima emocional positivo, as crianças acabarão por estar mais recetivas aos valores transmitidos pelos seus pais (Murray & Mulvaney, 2012). Tendo em conta o referido anteriormente segue-se as seguintes hipóteses de investigação **(H3)** Um Estilo de Vinculação Seguro ao Pai e à Mãe estão associados a similares opções entre filhos/as e Pais relativamente à identificação partidária; **(H4)** Vinculação segura ao pai está associada à mesma escolha partidária que o pai; **(H5)** Vinculação segura à mãe está associada à mesma escolha partidária que a mãe;

A permutação de atitudes e comportamentos políticos entre gerações é recorrentemente explicada através de um procedimento que se baseia em dois pontos sendo um deles o facto de as crianças observarem o comportamento dos pais e acabarem por criar uma imagem dos mesmos e o outro o facto de as crianças serem persuadidas a aderirem à imagem parental. Tendo como base o trabalho de Fowler (2005), refere-se que a eficácia de um "exemplo" ou de um mecanismo de aprendizagem social dentro do seio familiar depende da frequência com que assuntos do domínio político são discutidos em família, do nível de influência que os pais detêm sobre seus filhos e as relações próximas do entre o agregado familiar (Jennings et al., 2009). Posto isto,

espera-se que **(H6)** Os sujeitos que possuem a mesma Identificação partidária que o Pai têm propensão para possuírem também a mesma Identificação Partidária que a Mãe.

A transmissão da identificação partidária tem mais sucesso em lares politicamente ativos do que em casas em que os seus membros não são tão ativos. Quando os pais falam frequentemente sobre política em casa as crianças tem mais propensão em adotar o partido dos mesmos (Lewis-Beck, Jacoby, Norpoth & Weisberg, 2008). Nas casas em que os membros que a constituem são inativos relativamente à política, particularmente quando os pais expressam não se identificarem com nenhum partido de grande dimensão, as crianças encontram-se à deriva no que toca às questões políticas. Acrescenta-se ainda que, a adoção de vínculos partidários requiere a estimulação dos pais (Lewis-Beck et al., 2008). Seguindo o mesmo raciocínio, espera-se a Questão de que Discutir sobre Política em Casa com a família influencia a Identificação Partidária levantando-se a hipótese de que **(H7)** A frequência com que se fala sobre campanhas eleitorais em casa prediz a Identificação Partidária do participante ser similar à dos pais.

3. Metodologia

3.1. Processo de Seleção e Recolha da Amostra

Para esta investigação foi utilizada uma metodologia quantitativa composta por dois instrumentos, um que visa analisar a relação de vinculação dos sujeitos com o pai e a mãe e outro que questiona o sujeito acerca questões sobre a identificação partidária e a participação política do sujeito bem como questões sociodemográficas.

A recolha da amostra foi realizada em locais onde a população predominante são jovens-adultos como faculdades e grupos de jovens sendo o contacto estabelecido pessoalmente pela investigadora.

Como a recolha da amostra foi obtida maioritariamente em faculdades, esta pode ser considerada ainda uma amostra não probabilística por conveniência.

3.2. Participantes

A amostra é constituída por 131 participantes jovens-adultos com idades compreendidas entre os 18 os 30 anos com uma média de idades de 22,7 (DP=8,62). Dos 131 participantes a maior parte é do sexo feminino (68.7%). Relativamente ao estado civil dos participantes a grande maioria assinalou estar solteiro (94.6%). No que concerne à escolaridade dos participantes a predominância é o Ensino Superior Completo, correspondente à Licenciatura (42.7%).

Todos os participantes possuem nacionalidade portuguesa estando sendo que existe representatividade de naturalidade não só portuguesa como também brasileira e de outros países.

3.3. Instrumentos

a. QVPM – *Questionário de vinculação ao Pai e à Mãe - Desenvolvimento inicial do instrumento*

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPM trata-se de um instrumento de auto-relato com o intuito de avaliar as representações dos adolescentes e jovens adultos sobre a qualidade das suas relações de vinculação com as figuras parentais, de forma separada (Gouveia & Matos, 2011).

Este baseia-se nas contribuições teóricas de John Bowlby (1969/91, 1973, 1977, 1980) e de Mary Ainsworth (1982, 1989, 1991; Ainsworth & Bowlby, 1991), bem como na proposta de Kim Bartholomew de avaliação da vinculação no adulto (Bartholomew & Horowitz, 1991). Assim, um conjunto de itens foi criado, de acordo com seis dimensões conceptuais da vinculação (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1973, 1977), sendo estas a procura de proximidade, o porto seguro, a ansiedade de separação, o medo da perda, a admiração e a base segura. Para além disso, ao longo destas seis componentes, os itens foram construídos de modo a traduzir os quatro padrões de vinculação de Bartholomew: *seguro*, *preocupado*, *desinvestido* e *amedrontado* (Bartholomew & Horowitz, 1991). Para cada categoria conceptual a formulação dos itens focou-se no modo como cada indivíduo se situaria em cada um dos protótipos de vinculação (Gouveia & Matos, 2011).

É pedido aos participantes que identifiquem a resposta que melhor exprime o modo como se sentem com cada um dos seus pais no momento presente, posicionando-se numa escala de *Likert* de 6 pontos que varia de acordo com as seguintes opções: *Discordo totalmente, Discordo, Discordo moderadamente, Concordo moderadamente, Concordo, Concordo totalmente*.

O questionário está organizado em duas colunas de resposta, separadamente destinando-se uma para o pai e uma para a mãe. Apesar de nos itens se usar a formulação “pais”, refere-se nas instruções que os participantes deverão responder separadamente para cada um dos pais.

A estrutura factorial do QVPM organiza-se em três dimensões no que concerne à relação de vinculação com cada figura parental: *ansiedade de separação, qualidade do laço emocional e inibição da exploração e individualidade*, cada uma destas com 10 itens.

Relativamente às qualidades psicométricas do instrumento na sua versão final, testadas em vários estudos feitos ao longo do tempo e com amostras distintas, este instrumento tem revelado repetidamente valores aceitáveis de consistência interna nas distintas dimensões, como valores de *alfa de Cronbach* com uma variação entre ,76 e ,88, nas dimensões da vinculação à mãe, e entre ,80 e ,89, nas dimensões da vinculação ao pai. Foi ainda encontrado bons índices de consistência interna nas três dimensões, para a versão do pai e da mãe, *inibição da exploração e individualidade* ($\alpha = ,87$ em ambos os progenitores), *qualidade do laço emocional* ($\alpha = ,93$ e $\alpha = ,88$, pai e mãe, nesta ordem) e *ansiedade de separação* ($\alpha = ,85$ no pai e na mãe).

b. Questionário sobre Identificação Partidária e Sociodemográfico

No que concerne à parte do questionário que se debruça sobre questões sociodemográficas, este visa recolher alguns dados caracterizadores dos participantes como o seu género, o seu país de origem, área de residência, a sua idade, a sua classe social, o seu grau de escolaridade, a sua situação profissional e o estado civil.

Relativamente à componente sobre o Comportamento Eleitoral este tem como objetivo analisar a informação que os Indivíduos possuem sobre a Situação Política do país, as suas preferências partidárias e se estes se aproximam de algum partido, assim como, tentar perceber se estes possuem as mesmas preferências que os seus pais.

O Questionário proposto para o estudo é uma adaptação de um Questionário do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e a GfK Metris sobre um estudo

sobre os comportamentos e atitudes eleitorais dos portugueses. Este Questionário permitirá analisar a proximidade dos Indivíduos a assuntos de cariz político, tal como a sua proximidade ou Identificação a um Partido Político para que, posteriormente seja possível cruzar os resultados da Identificação Partidária ou não, dos Indivíduos com o tipo de relação que estes possuem com os seus pais.

3.4. Procedimento da Análise e Tratamento dos Dados

Os dados foram introduzidos e processados no programa estatístico IBM SPSS Statistics versão 24. Para dar resposta às hipóteses de investigação formuladas recorreu-se para a hipótese 1 a uma Anova de Medidas Repetidas, para a hipótese 2 a testes Qui-Quadrado, para as hipóteses 3, 4, 5 e 6 a Regressões Logísticas Binárias e, para a hipótese 7, a uma correlação de Pearson.

Realizou-se, ainda, uma análise de *clusters* para as dimensões do QVPM, com o intuito de obter-se os quatro Padrões de Vinculação de Bartholomew e Horowitz (1991) e, posteriormente, ser possível dividir os padrões de vinculação em apenas dois grupos, o Estilo Seguro e os Outros Estilos.

O nível de significância adotado para a tomada de decisão foi de 5% ($p \leq 0,05$). Por último é de referir que se utilizou como medidas de magnitude do efeito o eta quadrado parcial (*small effect size*: $\eta^2_p = ,02$; *medium effect size*: $\eta^2_p = ,13$; *larger effect size*: $\eta^2_p = ,26$), o Phi de Pearson (*Small effect size*: $\phi = ,10$; *medium effect size*: $\phi = ,30$; *large effect size*: $\phi = ,50$) e o d de Cohen (*small effect size*: $d = ,2$; *medium effect size*: $d = ,5$; *large effect size*: $d = ,8$) (Cohen, 1988).

Resultados

1. Estudo da Vinculação e Análises Diferenciais com as 3 dimensões do QVPM (Qualidade do Laço Emocional, Ansiedade de Separação e Dependência e Inibição da Exploração e da Individualidade)

1.1 Criação de Clusters

O Instrumento QVPM aglomera as suas questões em três dimensões, a Qualidade do Laço Emocional ($M_{Pai} = 4,91$, $DP_{Pai} = 1,21$; $M_{Mãe} = 5,37$, $DP_{Mãe} = ,71$), a Ansiedade de Separação e Dependência ($M_{Pai} = 3,18$, $DP_{Pai} = 1,01$) ; ($M_{Mãe} = 3,20$, $DP_{Mãe} = ,97$) e a Inibição da Exploração e da Individualidade ($M_{Pai} = 2,49$, $DP_{Pai} = ,942$) ; ($M_{Mãe} = 2,52$, $DP_{Mãe} = ,955$). Os valores médios obtidos nas três dimensões avaliadas (Inibição da Exploração e Individualidade, Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência) evidenciam os 4 protótipos de vinculação concetualizados por Bartholomew e Horowitz sendo estes o *Seguro*, *Preocupado*, *Amedrontado* e *Desinvestido* ($M = 2,09$, $DP = 1,11$) – Mãe; ($M = 1,73$, $DP = ,80$) – Pai.

Para que fosse possível, através destas três dimensões, classificar os participantes relativamente aos Estilos de Vinculação realizou-se uma análise de clusters (K-Means e Simples Euclidian Distance) que consiste numa técnica exploratória que permite aglomerar os indivíduos em grupos homogêneos relativamente a uma ou mais características em comuns (Maroco, 2007). Os resultados obtidos estão concordantes o que permitiu perceber de que maneira os padrões de resultados que definem os diferentes *clusters* são consistentes com o modelo-bidimensional de avaliação da vinculação proposto por Bartholomew e Horowitz em 1991. Para a definição dos *clusters* recorreu-se ao Manual do Instrumento QVPM (Costa & Matos, 2001). As autoras definiram como critério para o Estilo Preocupado a existência de Valores Baixos de Inibição de Exploração e da Individualidade, Valores Altos de Qualidade do Laço Emocional e de Ansiedade de Separação e Dependência. Para o Estilo Desinvestido Valores Altos de Inibição de Exploração e da Individualidade, Valores Baixos de Qualidade do Laço Emocional e Valores Baixos de Ansiedade de Separação e Dependência. Relativamente ao Estilo Seguro o critério era a existência de

Valores Baixos de Inibição de Exploração e da Individualidade, Valores Altos de Qualidade do Laço Emocional e Valores Moderados de Ansiedade de Separação e Dependência. Por último, o Estilo Amedrontado era caracterizado por Valores Altos de Inibição de Exploração e da Individualidade, Valores Altos de Qualidade do Laço Emocional e Valores Altos de Ansiedade de Separação e Dependência.

Tabela 1. Valores Médios (e desvios-padrão) das Clusters para Estilos de vinculação à Mãe

	<i>Clusters</i>			
	Seguro	Amedrontado	Desinvestido	Preocupado
QVM_IEI	1,99 (0,50)	3,87 (0,67)	2,47 (0,92)	2,31 (0,73)
QVM_QLM	5,40 (0,50)	5,05 (0,66)	2,61 (1,08)	5,70 (0,41)
QVM_AS	2,52 (0,51)	3,03 (0,68)	1,17 (0,29)	4,19 (0,53)

Tabela 2. Valores Médios (e desvios-padrão) Clusters para Estilos de Vinculação ao Pai

	<i>Clusters</i>			
	Seguro	Amedrontado	Desinvestido	Preocupado
QVP_IEI	2,06 (0,61)	2,88 (0,96)	3,40 (0,84)	1,50 (0,67)
QVP_QLM	5,67 (0,37)	4,90 (0,55)	2,66 (0,74)	1,58 (0,80)
QVP_AS	3,80 (0,80)	2,98 (0,64)	1,95 (0,75)	1,07 (0,08)

Tabela 3. Frequências das Clusters ao Pai e à Mãe

		Mãe				
Pai		Preocupado	Seguro	Desinvestido	Amedrontado	Total
Preocupado	N	2	2	2	0	6
	% Linha	33,3%	33,3%	33,3%	0,0%	100,0%
	% Coluna	4,3%	3,8%	66,7%	0,0%	4,6%
	% Total	1,5%	1,5%	1,5%	0,0%	4,6%
Seguro	N	38	21	0	0	59
	% Linha	64,4%	35,6%	0,0%	0,0%	100,0%
	% Coluna	80,9%	39,6%	0,0%	0,0%	45,0%
	% Total	29,0%	16,0%	0,0%	0,0%	45,0%
Desinvestido	N	3	2	0	6	11
	% Linha	27,3%	18,2%	0,0%	54,5%	100,0%
	% Coluna	6,4%	3,8%	0,0%	21,4%	8,4%
	% Total	2,3%	1,5%	0,0%	4,6%	8,4%
Amedrontado	N	4	28	1	22	55
	% Linha	7,3%	50,9%	1,8%	40,0%	100,0%
	% Coluna	8,5%	52,8%	33,3%	78,6%	42,0%
	% Total	3,1%	21,4%	0,8%	16,8%	42,0%
Total	N	47	53	3	28	131
	% Linha	35,9%	40,5%	2,3%	21,4%	100,0%
	% Coluna	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% Total	35,9%	40,5%	2,3%	21,4%	100,0%

Nota: Posteriormente, decidiu-se dividir os resultados obtidos através do QVPM relativamente aos estilos de vinculação ao pai e à mãe em duas novas variáveis, uma relativa à mãe (Est_Vinc_MÃE) outra ao pai (Estilos_Vinc_PAI) que se dividiu em (0- Outros VS 1- Estilo Seguro).

1.2 Análise de diferenciais de género nas 3 dimensões do QVPM

Para que seja possível perceber se existem diferenças de género nas três dimensões obtidas no QVPM (Inibição da Exploração e individualidade, Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação e Dependência), foram realizadas Anovas de Medidas Repetidas com dois fatores Intra-Sujeitos (Dimensões do QVPM para a mãe e para o pai) e 1 fator Inter-Sujeito (o Género).

Relativamente à Dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, no que concerne à figura parental verificou-se que não existem resultados significativos que mostrem diferenças nesta dimensão consoante a figura parental $F(1,126) < 1$, $p = ,21$, $\eta^2_p = ,41$ (*large effect size*). Relativamente à interação entre o Género do Participante e a figura parental esta não se revela significativa, $F(1,126) < 1$, $p = ,574$, $\eta^2_p = ,03$ (*small effect size*). Relativamente à análise do Género, esta não revelou existência de

diferenças significativas nesta dimensão, $F(1,126) < 1$, $p = ,935$, $\eta^2_p < ,001$ (*small effect size*).

Na Dimensão Qualidade do Laço Emocional verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas relativamente à figura parental, existindo assim diferenças entre o Pai e a Mãe, $F(1,126) = 13,5$, $p < ,001$, $\eta^2_p = ,097$ (*small effect size*). A interação entre o género e a figura parental revelou diferenças estatisticamente significativas nesta dimensão, concluindo-se que as diferenças entre o Pai e a Mãe depende do género, $F(1,126) = 5,52$, $p = ,020$, $\eta^2_p = ,042$ (*small effect size*). Relativamente à análise do Género, este não revelou diferenças estatisticamente significativas $F(1,126) < 1$, $p = ,675$, $\eta^2_p = ,001$ (*small effect size*). As mulheres e os homens apresentam assim, valores mais elevados de qualidade do laço emocional à mãe do que ao pai contudo, os valores são mais elevados nas mulheres (Tabela 4).

Na dimensão Ansiedade de Separação e Dependência no que concerne o Domínio da Figura Parental não se verificaram diferenças significativas entre o Pai e a Mãe, $F(1,126) < 1$, $p = ,825$, $\eta^2_p < ,001$ (*small effect size*). Analisando a interação do Género com a figura parental também não se observaram diferenças estatisticamente significativas, $F(1,126) = 2,179$, $p = ,142$, $\eta^2_p = ,017$ (*small effect size*). Por fim, no domínio do Género não foram reveladas diferenças significativas entre género masculino e feminino neste domínio, $F(1,126) < 1$, $p = ,750$, $\eta^2_p = ,001$ (*small effect size*).

Tabela 4. Descritivas das Dimensões do QVPM

	Género								
	Mulher			Homem			Total		
	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N
QVP_IEI	2,5	0,95	90	2,51	0,95	38	2,5	0,95	128
QVM_IEI	2,52	0,96	90	2,54	0,96	38	2,53	0,96	128
QVP_QLE	4,85	1,3	90	5,02	0,97	38	4,9	1,21	128
QVM_QLE	5,46	0,65	90	5,16	0,79	38	5,37	0,71	128
QVP_ASF	3,15	1,09	90	3,21	0,82	38	3,17	1,02	128
QVM_ASF	3,25	0,97	90	3,08	0,96	38	3,2	0,97	128

1.3. Análises Diferenciais entre as Dimensões do QVPM e a Idade do Participante

Com o objetivo de compreender se existe uma relação entre as Dimensões do QVPM e da idade dos participantes procedemos à análise de correlação de Pearson. Verificou-se então que, não existe correlação significativa entre a Idade do participante e as dimensões do QVPM tanto para o Pai como para a Mãe. A relação entre a Idade e a Dimensão Inibição e Exploração da Individualidade à Mãe e ao Pai e a Dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe não é significativa sendo uma relação negativa de intensidade muito baixa. Já a relação entre a Idade e a Dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai, a Dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai e à Mãe não é também significativa sendo uma relação positiva de intensidade muito baixa.

Contudo, verificou-se algumas correlações significativas entre as dimensões do instrumento que merecem algum destaque. Entre as Dimensões Inibição e Exploração da Individualidade tanto ao Pai como à mãe revelou-se uma correlação estatisticamente significativa com uma relação positiva de intensidade muito alta, com um valor de $r(131) = ,991, p < ,001$, havendo assim uma forte correlação nesta dimensão nos dois progenitores. Relativamente à Dimensão Ansiedade de Separação e Dependência no Pai verificou-se uma correlação significativa com a Qualidade do Laço Emocional no pai com uma relação positiva de intensidade moderada, com um valor de $r(131) = ,683, p < ,001$ e com a Ansiedade de Separação e Dependência na Mãe com uma relação positiva de intensidade moderada, com um valor de $r(131) = ,659, p < ,001$.

Tabela 5. Correlações de Pearson entre as Dimensões do QVPM e da Idade

	QVP_IEI	QVP_QLE	QVP_ASD	QVM_IEI	QVM_QLE	QVM_ASD
QVP_QLE	-0,134					
QVP_ASD	0,065	,683**				
QVM_IEI	,991**	-0,159	0,050			
QVM_QLE	-,213*	,486**	,284**	-,225**		
QVM_ASD	0,079	,179*	,659**	0,084	,430**	
Idade	-0,026	0,026	0,060	-0,028	-0,018	0,039

* $p < .05$; ** $p < .01$

1.4 Análises Diferenciais entre os Estilos de Vinculação à Mãe e ao Pai

Realizou-se um teste qui-quadrado (χ^2) com o objetivo de testar a relação de interdependência entre as variáveis Estilos de Vinculação à mãe e Estilos de Vinculação ao Pai. Verificou-se assim, a inexistência de uma relação de interdependência significativa entre as duas variáveis, $\chi^2_{(1, n=131)} = 1,055$, $p = ,304$, $\Phi = - ,90$ (*small effect size*). Verificou-se desta forma que não existe uma associação significativa entre o Estilos de Vinculação tanto à Mãe e os Estilos de Vinculação ao Pai.

1.5 Análises Diferenciais entre os Estilos de Vinculação e o Género

Relativamente à Vinculação Segura à Mãe verificam-se 53 sujeitos (36 do sexo feminino e 16 do sexo masculino) e 78 relativamente aos outros estilos de vinculação (54 do sexo feminino e 22 do sexo masculino). Na Vinculação Segura ao Pai encontram-se 59 sujeitos (42 do sexo feminino e 15 do sexo masculino) e 72 sujeitos (48 do sexo feminino e 23 do sexo masculino) pertencentes aos outros três estilos de vinculação.

Observando a tabela de Cruzamento entre os Estilos de Vinculação (Tabela 6) verifica-se que a percentagem mais elevada (30,5%) é referente aos participantes que possuem outro estilo de vinculação, que não o Seguro, tanto para a Mãe como para o Pai. Já a percentagem mais baixa (16,0%) refere-se aos participantes que são Seguros à Mãe e ao Pai.

Tabela 6. Cruzamento entre os Estilos de Vinculação à Mãe e ao Pai

		Estilos de Vinculação ao Pai		
		Outros Estilos	Seguro	Total
Estilos de Vinculação à Mãe	Outros Estilos	N	40	38
		% Total	30,5%	29,0%
	Seguro	N	32	21
		% Total	24,4%	16,0%
Total		N	72	59
		% Total	55,0%	45,0%

Nota: (Outros Estilos = 0, Estilo Seguro = 1)

Realizou-se um teste qui-quadrado (χ^2) com o objetivo de testar a relação de interdependência entre as variáveis Estilos de Vinculação à mãe e o Género. Verificou-

se assim, a inexistência de uma relação de interdependência significativa entre as duas variáveis, $\chi^2_{(1, n=128)} = ,049, p = ,825, \Phi = ,020$ (*small effect size*).

De seguida, realizou-se um Teste Qui-Quadrado (χ^2) para os Estilos de Vinculação ao Pai e o Género dos participantes com o mesmo objetivo delineado acima. Os resultados revelaram-se novamente não significativos, não existindo assim, diferenças estatisticamente significativas $\chi^2_{(1, n=128)} = 0,560, p = ,454, \Phi = -,066$ (*small effect size*).

Verificou-se desta forma que não existe uma associação significativa entre o Género dos Participantes relativamente aos Estilos de Vinculação tanto à Mãe como ao Pai afirmando-se desta forma que, o Género não é uma variável que possui uma associação, isto é, que tem influência, nos Estilos de Vinculação que os participantes têm com o Pai e com a Mãe.

1.6. Análises Diferenciais entre os Estilos de Vinculação e a Idade

Procedeu-se à realização de um teste t de Student para amostras independentes com o intuito de perceber se existem diferenças de idade estatisticamente significativas entre participantes com Estilo de Vinculação Seguro e Outros Estilos de Vinculação para com a mãe, $t(129) = ,995, p = ,321, d = ,19$ (*small effect size*).

De seguida, realizou-se novamente um teste t de Student para amostras independentes com o objetivo de perceber se existem diferenças de idade estatisticamente significativas entre os participantes com o Estilo de Vinculação Seguro e Outros Estilos de vinculação mas agora para com o pai, $t(129) = ,232, p = ,817, d = ,040$ (*small effect size*).

Conclui-se assim que, tanto para a Vinculação à Mãe como para a vinculação ao Pai não existem diferenças estatisticamente significativas em função da idade, sendo possível assumir que os Estilos de vinculação à mãe e ao pai não diferem significativamente em função da idade dos participantes.

1.7. Análise Diferencial entre a Frequência com que se fala sobre campanhas em casa e os Estilos de Vinculação ao Pai e à Mãe

Para finalizar as análises diferenciais em função dos Estilos de Vinculação à Mãe e ao Pai, procedeu-se à concretização de uma análise correlacional entre a frequência com que o participante fala sobre campanhas eleitorais em casa e os Estilos de Vinculação ao Pai e à Mãe.

Verificou-se que, na Vinculação à Mãe não existe uma correlação estatisticamente significativa, sendo esta considerada uma relação negativa muito baixa, entre a frequência com que o participante fala sobre campanhas eleitorais em casa com os Estilos de Vinculação à Mãe, $r(131) = -,085, p = ,335$.

Relativamente à Vinculação ao Pai o mesmo se sucedeu, não sendo possível encontrar uma correlação estatisticamente significativa entre as duas variáveis, tendo uma relação negativa de intensidade muito baixa, $r(131) = -,095, p = ,281$.

Tanto para a Mãe como para o Pai, não se verificou evidências da existência de correlações entre as duas variáveis em análise afirmando-se assim que, a frequências com se fala sobre campanhas eleitorais em casa não está relacionada ao tipo de vinculação que os participantes criam com os progenitores.

2. Identificação Partidária

2.1. Criação das Variáveis relativas Escolhas Partidárias Iguais e Diferentes do Pai e da Mãe

De forma a estudar a Identificação Partidária dos sujeitos e dos seus pais, decidiu-se criar duas novas variáveis, uma que se trata da conjugação da identificação partidária do sujeito e do pai e outra, a conjugação da identificação partidária do sujeito e da mãe. Cada variável divide-se em dois grupos: Igualdade de escolhas partidárias entre o sujeito e a figura parental (identificarem-se com o mesmo partido ou ambos não se identificarem com nenhum partido) VS Diferença de Escolhas entre o sujeito e a figura parental (não se identificarem com o mesmo partido ou um possuir identificação

partidária e o outro não). Esta divisão de grupos existe tanto na variável construída para a mãe (Igual_VS_Difer_mãe_filho) como para o pai (Igual_VS_Difer_Pai_filho).

Tabela 7. Cruzamento de dados entre a Identificação Partidária da Mãe e do Participante

		Identificação Partidária da Mãe								Total
		Bloco de Esquerda	CDS-PP	CDU	PCP	PPD-PSD	PS	Outro	90 (Não respostas)	
Identificação Partidária	Bloco de Esquerda	3	0	0	0	4	2	0	8	17
Do Participante	CDS-PP	0	1	0	0	0	0	0	1	2
	CDU	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	Partido Ecologista - Os verdes	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	PCP	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	PPD-PSD	1	1	0	0	14	1	0	5	22
	PS	0	0	0	0	2	9	0	2	13
	Outro	1	0	0	0	1	1	0	4	7
	90 (Não Respostas)	0	1	1	1	17	6	1	40	67
Total		5	3	2	1	38	19	1	62	131

Tabela 8. Cruzamento de entre a Identificação Partidária do Pai e do Participante

		Identificação Partidária do Pai								Total
		Bloco de Esquerda	CDS-PP	CDU	PCP	PPD-PSD	PS	Outro	90 (Não Respostas)	
Identificação Partidária	Bloco de Esquerda	2	0	0	1	5	3	0	6	17
do Participante	CDS-PP	1	0	0	0	1	0	0	0	2
	CDU	0	0	1	0	0	0	0	0	1
	Partido Ecologista - Os verdes	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	PCP	0	0	0	1	0	0	0	0	1
	PPD-PSD	2	1	0	0	12	3	0	4	22
	PS	2	0	1	0	0	8	0	2	13
	Outro	1	0	0	0	1	2	0	3	7
	90 (Não Respostas)	2	1	2	0	20	8	2	32	67
Total		10	2	4	2	39	24	2	48	131

2.2. Análises Descritivas e Diferenciais da Identificação Partidária do Sujeito

Analisando a variável que nos informa se os participantes possuem, ou não, identificação partidária averigua-se que 64 participantes revelaram sentir-se identificados com algum partido (47 do sexo feminino e 17 do sexo masculino) e 62 participantes revelaram não possuir qualquer identificação partidária (42 do sexo feminino e 20 do sexo masculino).

De forma a perceber se existem diferenças na existência de Identificação Partidária dos participantes em função do seu género procedeu-se à realização de um teste qui-quadrado χ^2 entre as variáveis “Identificas-te com algum Partido?” e o Género. Verificou-se que, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes do sexo feminino e do sexo masculino relativamente à identificação ou não identificação a um partido político. Pode-se então concluir que, na amostra recolhida para este estudo, ser do sexo feminino ou do sexo masculino não tem associação com a presença de identificação partidária, $\chi^2_{(1, n=126)} = ,493$, $p = ,483$, $Phi = ,063$ (*small effect size*).

2.3. Análises Descritivas e Diferenciais das Variáveis das Escolhas Partidárias Iguais e Diferentes aos Pais

Relativamente à análise descritiva da variável *Igual_VS_Difer_mãe_filho* verificou-se a existência de 68 sujeitos (51,9%) com escolhas partidárias iguais à da mãe (Possuem a mesma identificação partidária ou ambos não se identificam com nenhum partido) e 63 sujeitos (48,1%) com escolhas partidárias diferentes da progenitora (possuem identificações partidárias distintas ou um deles possui identificação partidária e o outro não).

No que concerne à análise descritiva da variável, agora correspondente ao pai, *Igual_VS_Difer_pai_filho* observou-se a existência de 56 sujeitos (42,7%) com Escolhas partidárias iguais ao seu pai e 75 sujeitos (57,7%) com escolhas partidárias diferentes da do seu progenitor.

Recorrendo ao cruzamento de dados entre as Escolhas partidárias Pais-Filhos e ao género do participante verificou-se que 67 sujeitos possuem uma identificação partidária igual à da mãe (46 do sexo feminino e 44 do sexo masculino) e 61 sujeitos

possuem uma identificação partidária oposta à da progenitora (44 do sexo feminino e 17 do sexo masculino). Relativamente ao pai, observou-se que 55 sujeitos possuem uma identificação partidária igual à do pai (37 do sexo feminino e 18 do sexo masculino) e 73 possuem uma identificação partidária distinta da do progenitor (53 do sexo feminino e 20 do sexo masculino).

Tabela 9. Cruzamento de Dados entre as Escolhas Partidárias Pai-Filho e o Género

			Género (0 =Homem, 1 =Mulher)		
			Mulher	Homem	Total
Escolhas Partidárias Similares	Escolhas Distintas	N	53	20	73
ou Distintas	Pai-Filho	% Total	41,4%	15,6%	57,0%
(Distintas = 0, Similares = 1)	Escolhas Similares	N	37	18	55
		% Total	28,9%	14,1%	43,0%
Total		N	90	38	128
		% Total	70,3%	29,7%	100,0%

Tabela 10. Cruzamento de Dados entre as Escolhas Partidárias Mãe-Filho e o Género

			Género (0 =Homem, 1 =Mulher)		
			Mulher	Homem	Total
Escolhas Partidárias Similares	Escolhas Distintas	N	44	17	61
ou Distintas	Mãe-Filho	% Total	34,4%	13,3%	47,7%
(Distintas =0, Similares =1)	Escolhas Iguais	N	46	21	67
		% Total	35,9%	16,4%	52,3%
Total		N	90	38	128
		% Total	70,3%	29,7%	100,0%

Realizou-se um Teste Qui-Quadrado χ^2 entre as variáveis Escolhas Partidárias Similares ou Distintas para o Pai e o Género tendo como intuito testar-se se os dois grupos (participantes femininos e participantes masculinos) diferem nas suas Escolhas Partidárias, podendo assumir as mesmas escolhas ou diferentes. Verificou-se assim, a inexistência de diferenças significativas entre as variáveis, $\chi^2_{(1, n=128)} = ,427$, $p = ,514$, $\Phi = ,058$ (*small effect size*).

Repetiu-se o processo mas agora utilizando a variável Escolhas Partidárias Similares ou Distintas para a Mãe mantendo a variável Género em análise. Comprovou-se assim que não existem diferenças estatisticamente significativas entre as escolhas

partidárias similares ou distintas à Mãe e o Género do Participante, $\chi^2_{(1, n=128)} = ,185$, $p = ,667$, $\Phi = ,038$ (*small effect size*).

Verificou-se desta forma que não existe uma associação significativa entre o Género dos Participantes relativamente às Escolhas Partidárias que o próprio toma, sejam estas similares ou distintas às escolhas partidárias dos Pais. Afirma-se assim que, o Género não é uma variável que possui uma associação nas Escolhas Partidárias do participante.

2.4 Análises Diferenciais entre as Escolhas Partidárias Similares ou Distintas aos Pais e a Idade

Procedeu-se à realização de um teste t de Student para amostras independentes com o objetivo de perceber se existem diferenças de idade estatisticamente significativas entre participantes Escolhas Partidárias Similares aos pais e Participantes com Escolhas Distintas dos Pais.

Relativamente à análise do teste t de Student utilizando a Variável relativa às Escolhas Partidárias Similares ou Diferentes à do Pai verificou-se a não existência de diferenças significativas em função da idade do participante, $t(129) = -1,588$, $p = ,118$, $d = -,30$ (*small effect size*).

No que concerne à análise do teste t de Student usando a variável Escolhas Partidárias Similares ou Diferentes à da Mãe observou-se também uma inexistência de diferenças estatisticamente significativas em função da idade do participante, $t(129) = -1,398$, $p = ,166$, $d = -,24$ (*small effect size*).

Conclui-se assim que, tanto para as Escolhas Partidárias Similares ou Distintas ao Pai como para Escolhas Partidárias Similares ou Distintas à Mãe não existem diferenças estatisticamente significativas em função da idade, sendo possível verificando-se que as Escolhas Partidárias que os Participantes fazem, sejam estas iguais ou diferentes do Pai e da Mãe, estas não estão condicionadas à idade dos participantes.

2.5 Análise Diferencial entre a Frequência com que se fala sobre campanhas em casa e as Escolhas Partidárias Similares ou Distintas aos Pais

Para finalizar as análises diferenciais acerca das Escolhas Partidárias Similares ou Distintas da dos Pais, procedeu-se à concretização de uma análise correlacional entre a frequência com que o participante fala sobre campanhas eleitorais em casa e as Escolhas Partidárias Similares ou Distintas da dos Pais.

Verificou-se que, relativamente às Escolhas Partidárias Similares ou Distintas à da Mãe não se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre esta e a frequência com que o participante fala sobre campanhas eleitorais em casa caracterizando-se esta correlação como positiva com uma intensidade muito baixa, $r(131) = ,077, p = ,385$.

Relativamente às Escolhas Partidárias Similares ou Distintas ao Pai também não se verificou uma correlação estatisticamente significativa entre as duas variáveis em análise, sendo esta considerada positiva com uma intensidade muito baixa, $r(131) = ,090, p = ,309$.

É possível então afirmar que tanto relativamente às Escolhas Partidárias da Mãe tanto às do Pai, não se verifica correlações significativas entre estas e a frequência com que o participante fala sobre campanhas políticas em casa, demonstrando-se que, neste estudo, esta variável não se relaciona com as escolhas partidárias do participante nem se este se inclina ou não para as escolhas partidárias dos pais.

3. Identificação Partidária e Vinculação: Modelo de Regressão Logística Binária

Utilizando os Modelos de Regressão logística Binária considerou-se como variável dependente a Igualdade ou Diferença de Escolhas Partidárias entre o Sujeito e o Pai (0 = Diferente, 1 = Igual) (Tabela 12) e a Igualdade ou Diferença de Escolhas Partidárias do Sujeito e da Mãe (Tabela 11) e, como variáveis independentes, o Género, a Idade, a frequência com que os participantes fala sobre campanhas eleitorais com a família, a Igualdade ou Diferença de Escolhas Partidárias entre o Sujeito e o Pai (quando a variável dependente analisada é relativa à mãe), a Igualdade ou Diferença de Escolhas Partidárias entre o participante e a Mãe (quando a variável dependente

analisada é relativa ao pai) os Estilos de Vinculação relativos à mãe e ao Pai, bem como a Interação entre estes dois estilos de vinculação.

Verificou-se que o modelo de regressão à mãe é significativo $\chi^2_{(7, n=128)} = 49,4$, $p < ,001$, Pseudo R^2 Nagelkerke = ,43, o que significa que o conjunto de preditores explica parte da variável dependente. Relativamente ao modelo de regressão ao pai, este também revela ser significativo, $\chi^2_{(7, n=128)} = 43,2$, $p < ,001$, Pseudo R^2 Nagelkerke = ,38.

Analizando as probabilidades de ser a mesma identificação partidária a partir dos modelos de regressão os resultados revelaram apenas ser significativos relativamente à mãe. Contudo, apenas as variáveis *Igualdade ou Diferença de Escolhas Partidárias entre o Sujeito e o Pai*, os *Estilos de Vinculação da Mãe*, os *Estilos de Vinculação ao Pai* e a *Interação entre os Estilos de Vinculação da Mãe e do Pai* se revelaram significativos. Relativamente ao modelo de regressão ao Pai a única variável que se mostrou significativa foi a *Igualdade ou Diferença de Escolhas Partidárias entre o Sujeito e o Mãe*.

Analizando os Modelos de Regressão Logística Binária ao Pai e à Mãe verifica-se que os participantes seguros à mãe e ao pai têm aproximadamente 4 vezes mais chances de terem a mesma identificação que a mãe. Contudo, quando se interage os Estilos de Vinculação ao Pai e à Mãe observa-se que quem é seguro tanto ao pai como à mãe têm menor probabilidade de possuir a mesma identificação partidária que a mãe.

Relativamente às escolhas partidárias do participante, observa-se que quem tem escolhas partidárias similares ao pai tem aproximadamente 13 vezes mais *chances* de também possuírem escolhas similares em relação à mãe. Acrescenta-se ainda que, ter a mesma escolha partidária da mãe provém o participante de ter aproximadamente 13 vezes mais chances de ter a mesma escolha partidária que o pai.

Tabela 11. Modelo de Regressão Logística Binária para a Mãe

	B	E.P.	Wald	P	OR	I. C. 95% OR	
						Inferior	Superior
Género	0,133	0,478	0,078	0,780	1,143	0,448	2,916
Idade	0,027	0,052	0,281	0,596	1,028	0,929	1,138
Com que frequência falas sobre campanhas eleitorais com a tua família?	0,069	0,220	0,098	0,754	1,071	0,696	1,648
Escolhas Similares ou Distintas ao Pai	2,563	0,478	28,743	< 0,001	12,977	5,084	33,124
Estilos de Vinculação à Mãe	1,411	0,614	5,291	0,021	4,101	1,232	13,651
Estilos de Vinculação ao Pai	1,534	0,606	6,403	0,011	4,639	1,413	15,226
Interação entre os Estilos de Vinculação ao Pai e os Estilos de Vinculação à Mãe	-2,146	0,914	5,510	0,019	0,117	0,019	0,702
Constante	-2,681	1,427	3,528	0,060	0,068		

Nota: Género : 0 – masculino, 1 – feminino; Estilos de Vinculação: 0 – Outros Estilos, 1 – Estilo Seguro; Frequência com que se fala de campanhas eleitorais em casa: 1 – Frequentemente, 2 – Ocasionalmente, 3 – Raramente, 4 – Nunca

É possível então observar-se, analisando as duas tabelas do Modelo, que existem alguns OR significativos como já foram referidos anteriormente contudo, é essencial referir também os valores de OR que não se observaram significativos como o OR do género, da idade, da frequência com que se fala de campanhas eleitorais na família e a interação entre os estilos de vinculação ao pai e à mãe, que revelaram não ser significativos tanto no modelo do pai como da mãe. Relativamente ao modelo do pai é de referir ainda os Estilos de Vinculação ao Pai e os Estilos de Vinculação à Mãe como tendo um OR também não significativos.

Tabela 12. Modelo de Regressão Logística Binária para o Pai

	B	E.P.	Wald	P	OR	95% C.I. OR	
						Inferior	Superior
Gênero	0,028	0,517	0,003	0,957	1,028	0,373	2,835
Idade	0,116	0,130	0,797	0,372	1,123	0,871	1,449
Com que frequência falas sobre campanhas eleitorais com a tua família?	0,013	0,056	0,052	0,819	1,013	0,907	1,131
Escolhas Similares ou Distintas à Mãe	2,576	0,479	28,897	< 0,001	13,143	5,138	33,618
Estilos de Vinculação à Mãe	-0,283	0,616	0,211	0,646	0,754	0,225	2,521
Estilos de Vinculação ao Pai	-0,164	0,601	0,075	0,784	0,848	0,261	2,753
Interação entre os Estilos de Vinculação à Mãe e os Estilos de Vinculação ao Pai	0,030	0,933	0,001	0,974	1,031	0,165	6,422
Constante	-4,156	2,811	2,185	0,139	0,016		

Nota: Gênero : 0 – masculino, 1 – feminino; Estilos de Vinculação: 0 – Outros Estilos, 1 – Estilo Seguro; Frequência com que se fala de campanhas eleitorais em casa: 1 – Frequentemente, 2 – Ocasionalmente, 3 – Raramente, 4 – Nunca

Figura 1. Probabilidade do estilo de vinculação referente ao pai ser igual ou diferente ao estilo de vinculação referente à mãe

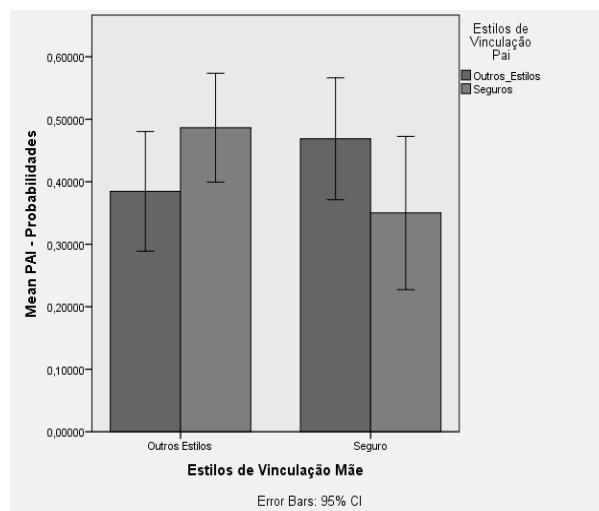
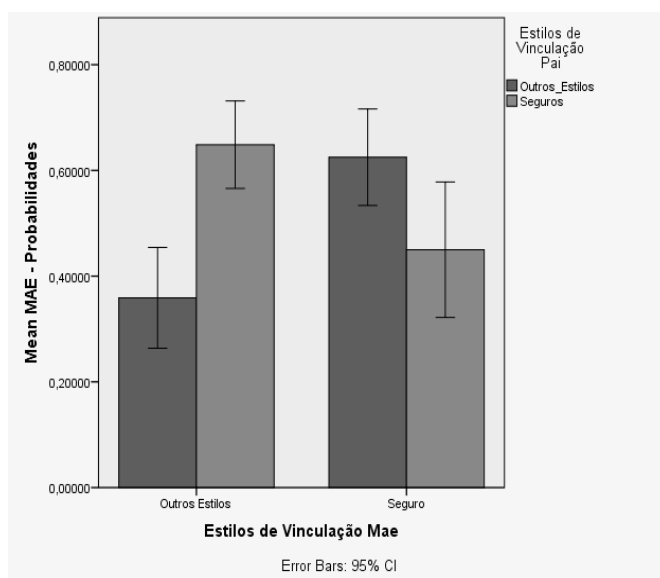


Figura 2. Probabilidade do estilo de vinculação referente à mãe ser igual ou diferente ao estilo de vinculação referente ao pai



Discussão

O principal propósito deste estudo era compreender de que forma, a identificação partidária dos indivíduos se forma, sendo que pretendemos incidir no impacto e influência que os pais possuem neste processo. Posto isto, recaímos na vinculação ao pai e à mãe, à relação que os indivíduos estabelecem com os pais bem como a transmissão de valores no seio familiar.

É possível apontar vários agentes que possuem influência política nos sujeitos sendo que, normalmente, o primeiro grupo social que é destacado é a família, particularmente os pais, uma vez que a família é o primeiro grupo social a que a criança é exposta sendo que estes acabam por possuir uma influência política significativa sobre elas (Armstrong, 2012). Apesar do processo de maturação política e das idiossincrasias de determinadas eleições, a participação eleitoral e o comportamento de voto na idade adulta continua a ter a marca do partidarismo dos pais. (Niemi & Jennings, 1991).

As fortes relações emocionais que existem entre pais e filhos levam a que muitas crianças adotem comportamentos e atitudes que agradarão aos seus pais, mas às vezes as crianças também desafiam ou recusam comportamentos e atitudes aprovadas pelos pais (Ojeda & Hatemi, 2015).

Por reconhecer grande importância ao papel parental na transmissão de valores políticos aos filhos e, pela influência parental continuar tão vincada mesmo na adultez dos indivíduos que considere este estudo de particular importância e pertinência.

O primeiro objetivo traçado para esta análise desta investigação depreendia-se pela compreensão da existência ou não existência de diferenças na qualidade do laço emocional ao pai e à mãe, isto é, se os participantes possuíam distinções entre a ligação emocional que nutriam com o pai e com a mãe. Verificou-se que os valores médios entre o participante e a qualidade do laço emocional da mãe são superiores aos valores da qualidade do laço emocional entre o participante e o pai. Não se rejeita então desta forma a primeira hipótese deste estudo, verificando-se que existem diferenças na qualidade do laço emocional entre o pai e a mãe.

Apesar de cada vez mais, a mãe possuir um papel mais ativo no mundo profissional, não se verificou um decréscimo da perspectiva mais tradicional, muito

presente na cultura portuguesa, relativamente à atribuição do papel cuidador à mãe, sendo que, o pai continua a ser visto como uma figura complementar à da mãe nos cuidados básicos primários oriundos de uma natureza mais afetiva (Monteiro, 2007).

Os resultados encontrados neste estudo vão ao encontro do que se esperava e, do que é referido na literatura, de que as mães são mais caracterizadas, em comparação aos pais, por uma componente afetiva mais vincada. Isto deve-se muito ao facto de a mãe ser figura parental que interage mais tempo com os filhos (Armstrong, 2012; Coffé & Voorpostel, 2010).

Para além de se ter observado diferenças entre a qualidade do laço emocional à mãe e ao pai, verificou-se que as mulheres possuem valores médios de qualidade do laço emocional à mãe superiores aos homens, isto é, apesar de ambos homens e mulheres terem valores mais elevados de qualidade do laço emocional para com a mãe, observa-se que as mulheres possuem valores superiores que os homens.

Estes resultados vão ao encontro do que nos diz a literatura uma vez que, é possível afirmar que sujeitos do sexo feminino tem mais propensão para representar a relação com as figuras parentais, principalmente com a figura maternal, de uma forma mais próxima a nível emocional comparando com os sujeitos do sexo masculino. Com o avançar da idade, os sujeitos do sexo feminino acabam por procurar mais apoio e proximidade com as mães, vendo estas como mais responsivas e mais essenciais no provisionamento de apoio e proximidade, quando comparadas com sujeitos do sexo masculino (Matos, 2002).

Num estudo de Benson et al. (1992) os autores identificam diferenças de género, relativamente ao género das figuras parentais, no sentido em que observaram valores mais satisfatórios na vinculação à mãe (mas não ao pai) nas raparigas por comparação aos rapazes (Matos, 2002) sendo que os pais possuem uma maior influência no filho do mesmo género que o seu (Nieuwbeerta & Wittebrood, 1995). Posto isto, esperávamos que se apurasse que os participantes do sexo feminino possuísem uma melhor relação de vinculação com a mãe e os participantes do sexo masculino possuísem uma melhor relação de vinculação com o pai. Contudo, através das análises estatísticas de entre o género e a vinculação ao pai e à mãe não verificamos tais resultados, rejeitando-se desta forma a nossa segunda hipótese uma vez que não se apurou uma associação

significativa entre o Género dos Participantes relativamente aos Estilos de Vinculação tanto à Mãe como ao Pai.

Bailey (1994), e Monteiro *et al.* (2006) verificaram que os pais não estão envolvidos de modo distinto, entre as raparigas e os rapazes, durante os anos pré-escolares sendo que segundo Pleck e Masciadrelli (2004), o género detém, nos dias de hoje uma influência mais reduzida sobre o envolvimento paterno, do que em décadas passadas (Monteiro, 2007).

Apesar de Buist e colaboradores (2002) afirmarem que existem diferenças nos padrões desenvolvimentais entre díades de género, observando-se diferenças entre o tipo de vinculação entre o mesmo género, acrescenta que, a partir do momento da entrada na fase da adolescência, observa-se uma diminuição na proximidade dos indivíduos aos pais do mesmo género que o seu, verificando-se isto, tanto em rapazes com os pais, como com as raparigas com as mães (Buist *et al.*, 2002). Possivelmente, estas hipóteses podem explicar os nossos resultados uma vez que, se os pais interagirem de forma semelhante com os filhos, independentemente do género do filho ser o mesmo que o seu, os filhos criarão relações de vinculação idênticas para os dois progenitores, acabando por não fazerem distinções entre o pai e a mãe apenas devido a um ou a outro partilharem o mesmo género que o seu.

Apesar de não existirem diferenças significativas entre o género do participante e a escolhas partidárias similares ou distintas ao pai e à mãe verifica-se que, os participantes possuem mais escolhas partidárias similares à mãe (n=67) do que ao pai (n=55), sendo possível declarar-se que, neste estudo e com a amostra utilizada, a mãe detém uma maior influência política comparativamente ao pai.

Geralmente as crianças têm maior propensão para concordarem mais vezes com a mãe do que com o pai sendo que existem ainda evidências que demonstram que qual seja a figura parental com quem a criança se sinta mais próxima é a figura parental que possui uma influência política mais forte sobre a mesma. Segundo Langton (1969), quanto maior for a ligação entre criança e a mãe melhor será a influência política (Armstrong, 2012).

No estudo de Grant M. Armstrong (2012) verificou-se que, as crianças eram politicamente mais próximas das preferências das mães do que dos pais. Os resultados

apresentaram que, analisando as atitudes políticas, as ideologias e as identificações partidárias dos pais e dos filhos, os estudantes demonstraram ser politicamente mais parecidos aos seus pais contudo, mais semelhantes ainda com as suas mães. Este estudo de Armstrong foi ao encontro de estudos realizados anteriormente em que as mães são a figura parental com mais influência no domínio da política. Espera-se então que, os primeiros laços afetivos e as dependências emocionais entre a criança e a mãe tenham algum peso nas questões políticas, particularmente naquelas crianças que têm pais com preferências dissimilares (Jennings & Langton, 1969). Nas investigações de Acock e Bengtson (1978) é ressaltado ainda para a importância da influência materna nas orientações "instrumentais" e "expressivas" entre adolescentes e adultos jovens (Acock & Bengtson, 1978).

Olhando para o nosso estudo, em que a nossa população é de jovens-adultos, maioritariamente estudantes universitários, vemos que este vai também ao encontro dos resultados encontrados previamente uma vez que estes também revelaram uma maior tendência para os sujeitos adotarem preferencialmente o partido político da mãe do que o do pai.

Relativamente a um dos principais objetivos deste estudo, que é compreender que papel possui os Estilos de Vinculação aos pais nas escolhas partidárias dos participantes, queremos perceber se o estilo de vinculação que cada participante possui com o pai e a mãe está associado a escolhas partidárias iguais ou diferentes de cada um dos progenitores.

Levantou-se a nossa terceira hipótese de que um Estilo de Vinculação Seguro ao Pai e à Mãe estariam associados a similares opções entre filhos/as e os Pais relativamente à identificação partidária. Os nossos resultados demonstraram que esta hipótese é parcialmente aceite uma vez que, a nossa quarta hipótese de que a Vinculação segura ao pai está associada à mesma escolha partidária que o pai é rejeitada e a nossa quinta hipótese de que Vinculação segura à mãe está associada à mesma escolha partidária que a mãe é aceite.

Através das análises estatísticas realizadas verificou-se que os Estilos de Vinculação à Mãe, os Estilos de Vinculação ao Pai e a Interação entre os Estilos de Vinculação aos dois progenitores predizem que o participante possua escolhas partidárias similares às da mãe, sendo que os participantes seguros à mãe e ao pai

possuem, aproximadamente, quatro vezes mais probabilidades de terem escolhas partidárias iguais à da mãe. Observou-se ainda que, os Estilos de Vinculação ao Pai, os Estilos de Vinculação à Mãe e a interação dos Estilos de Vinculação de ambos, não predizem que os participantes tenham escolhas partidárias similares às do pai.

Pesquisas sobre comportamentos afiliativos similares fornecem evidências de que bons relacionamentos entre pais e filhos, especialmente aqueles em que reina a abertura e cordialidade, levam a uma maior qualidade de transmissão parental de compromisso religioso e afiliação (Taris and Semin 1997). Estas descobertas levam-nos a acreditar que o afeto é um importante meio facilitador para a transmissão de valores de pais para filhos (Ojeda & Hatemi, 2015). Na abordagem mais próxima à transmissão de valores, em estudos de socialização política, relatos de estudantes universitários propuseram que as diferenças ideológicas existentes entre pais e filhos eram maiores quando havia um distanciamento emocional entre eles, quando a disciplina parental era observada como muito alta ou muito baixa e quando a figura parental demonstrava estar interessado em política.

Investigações bastante relacionadas apoiam a ideia de que as relações afetivas e de poder entre pais e filhos conseguem afetar a transferência de orientações políticas de pais para filhos (Jennings & Niemi, 1968). Isto leva-nos a induzir de que uma boa relação de vinculação, onde exista bastante afeto e abertura, tem mais *chances* de uma boa transmissão de valores políticos influenciando os filhos a terem escolhas partidárias semelhantes à do progenitor. Isto vai ao encontro dos nossos resultados da nossa quinta hipótese em que estes nos indicam a influência do estilo de vinculação seguro à mãe para a escolha partidária do participante similar à progenitora. Contudo, os nossos resultados para a quarta hipótese, que incide no pai, mostra que a vinculação segura ao pai não está associada à escolha partidária do participante similar à do seu pai.

Verifica-se que os jovens têm tendência para percecionarem diferenças na relação com cada figura revelando ainda que a qualidade do funcionamento de cada díade poderá exercer um impacto distinto sobre outras variáveis do desenvolvimento psicossocial, como por exemplo a identidade do sujeito (Matos, 2002).

Geralmente a crianças têm maior propensão para concordarem mais vezes com a mãe do que com o pai verificando-se a existência de uma diferença de género (Armstrong, 2012). Uma explicação parcial encontrada acerca do porquê das mães possuírem mais influência do que anteriormente era pensado deve-se ao facto das

crianças construírem uma relação mais próxima à mãe (Langton, 1969), pelo facto da mãe historicamente, e na nossa sociedade, ser a cuidadora principal, o que pode ser uma explicação para o facto de, uma vinculação segura à mãe possa ter maior influência em que o filho faça as mesmas escolhas partidárias que a mesma enquanto, a influência que uma vinculação segura ao pai possui em que o filho faça a mesma escolha partidária que o pai seja menor, comparativamente à mãe.

Espera-se então que, os primeiros laços afetivos e as dependências emocionais entre a criança e a mãe tenham algum peso nas questões políticas, particularmente naquelas crianças que têm pais com preferências dissimilares (Jennings & Langton, 1969), o que nos leva a pensar que uma vinculação segura à mãe tem uma influência e uma caracterização distinta da de uma vinculação segura ao pai.

Quando o conflito parental está presente - independentemente de o filho reconhecer - a resolução provavelmente favorecerá a figura parental em que o afeto é mais alto e os laços expressivos são mais próximos. Esta escolha pode ocorrer durante os anos pré-adultos ou no início da idade adulta, quando há maior oportunidade de exercer preferências políticas (Jennings & Langton, 1969). As mães são ainda mais indicativas das orientações da criança do que os pais e, de forma geral, tem uma maior frequência de interação com os filhos. Juntamente com maior controlo das contingências imediatas de reforço, o que pode ser suficiente para explicar o maior poder preditivo da mãe (Acock & Bengston, 1978).

De forma a ser possível analisar e compreender o porquê da discrepância de influência da vinculação segura entre a mãe e o pai, nas escolhas partidárias dos filhos, seria interessante se num estudo futuro se realizasse uma componente qualitativa na análise, por exemplo através de um *focus group* ou de entrevistas. Esta metodologia permitiria explorar como é que os participantes caracterizam a sua relação com o pai e com a mãe, com vista a compreender se, apesar do participante possuir uma vinculação segura aos dois, se existe distinção entre a mesma, uma vez que será certo que ambos os progenitores não terão a mesma influência no desenvolvimento psicossocial do indivíduo.

Relativamente à hipótese de que os participantes que possuem a mesma identificação partidária que o pai tem propensão para também possuírem a mesma identificação partidária que a mãe revelou-se aceite uma vez que, através do Modelo de

Regressão Logística tanto ao pai bem como a mãe verificou-se que a Escolha partidária similar à mãe está associada à Escolha Partidária similar ao pai, e vice-versa. É de salientar que ter a mesma escolha partidária de um dos progenitores possui 13 vezes mais chances de ter a mesma escolha partidária que o outro progenitor. Estes resultados levam-nos a crer que quem possui a mesma escolha partidária que um dos pais também o faça com o outro, ou pelo menos tem uma maior probabilidade de isso suceder-se.

Quando ambos os progenitores possuem a mesma identificação partidária, o filho acaba por ser influenciado a seguir a mesma direção, adotando assim as preferências políticas dos seus pais. Crê-se que a semelhança das preferências partidárias com os pais politicamente heterógenos seja menor quando comparado com as crianças que têm pais com as mesmas preferências partidárias (Nieuwbeerta & Wittebrood, 1995). Estudos em adultos e crianças revelam que, quando a preferência partidária de ambos os pais é a mesma, até 80% dos entrevistados relatam a mesma preferência. (Jennings & Langton, 1969).

As fortes relações emocionais que existem entre pais e filhos levam a que muitas crianças adotem comportamentos e atitudes que agradarão aos seus pais (Ojeda & Hatemi, 2015). Espera-se que, em geral, a existência de um bom relacionamento entre pais e filhos seja favorável à sua educação moral, tornando-se mais fácil para os pais imporem seus próprios valores aos filhos (Taris & Semin, 1997) sendo que as relações conflituosas no ambiente familiar diminuem a motivação por parte das crianças para adotar aquilo que está sendo passado a elas (Carlos, 2015).

A maioria das investigações acerca do valor da transmissão política continua a recair, quase exclusivamente, em modelos que apresentam uma relação assimétrica entre os pais e as crianças. Estes modelos propõem que as crianças observam e, por consequência, imitam os comportamentos das suas figuras de autoridade, sendo o mais comum os pais, tendo estes pouco controlo daquilo que é aprendido (Ojeda & Hatemi, 2015).

Compreende-se assim que, existindo um ambiente familiar de grande abertura e com um bom relacionamento emocional, existe uma maior observação e absorção dos valores políticos transmitidos em casa, diretamente e indiretamente, o que leva a que o indivíduo quando, possui pais com escolhas partidárias iguais, acabe por adotar as

escolhas partidárias de ambos os progenitores uma vez que possuem motivação para se aproximarem dos valores dos pais.

Por fim, a última hipótese em que se levanta a hipótese de que a frequência com que se fala sobre campanhas eleitorais em casa está associada à identificação partidária do participante ser similar à dos pais foi testada através de análises correlacionais que se revelaram não significativas e com uma intensidade muito baixa, para ambos os progenitores, rejeitando-se desta forma esta hipótese.

Armstrong afirma que crianças que possuem pais envolvidos politicamente veriam nestes maior conhecimento acerca temas políticos e, provavelmente, adotariam as crenças políticas dos pais como suas também. Refere ainda que, os pais que demonstram consideração sobre o voto e sobre a participação noutras atividades cívicas desenvolvem um impacto bastante influente nas crianças sendo que estas têm mais propensão em demonstrar a sua vontade de votar se receberem incentivo e motivação em casa para participar em atividades cívicas.

Contudo, algumas crianças conseguem perceber e compreender com clareza a identificação partidária dos pais, independentemente dos comportamentos dos pais, enquanto outras não conseguem fazê-lo. Da mesma forma, algumas crianças são motivadas a adotar o que percebem ser a identificação de seus pais, enquanto outras crianças são motivadas a construir uma identificação partidária distinta da dos pais (Ojeda & Hatemi, 2015). Isto pode induzir-nos que, falar sobre campanhas eleitorais em casa pode não ser um fator tão relevante para escolhas partidárias similares aos pais uma vez que, existem indivíduos capazes de perceberem e absorverem os valores políticos dos pais, mesmo que estes não abordem o comportamento de voto com regularidade em casa.

Discutir política leva a percepções mais bem informadas dentro de um dado ambiente de informação, mas, independentemente da comunicação dos pais, diferenças individuais emergem entre as percepções das crianças (Ojeda & Hatemi, 2015). É importante ressaltar que outro fator que pode justificar o facto de os nossos resultados não irem ao encontro do esperado são as características individuais dos participantes que podem ter maior propensão para adotar valores políticos dos pais ou pelo contrário, não sendo influenciados, positivamente ou negativamente, pela discussão acerca de campanhas eleitorais, no seio familiar. Outro fator a salientar é o facto de, apesar de

poder-se não discutir em casa sobre campanhas eleitorais, poderão existir discussões acerca outros assuntos ainda no domínio político, sendo que, se a questão feita aos participantes fosse mais neste sentido, talvez obtivéssemos resultados um pouco diferentes dos que encontramos neste estudo.

Concluindo, pode dizer-se que se reconhece o papel fundamental dos pais no desenvolvimento do indivíduo e na transmissão de valores políticos aos filhos verificando-se que a identificação partidária do indivíduo é influenciada pela relação que este mantém com cada figura parental sendo que uma Vinculação Segura potencia o indivíduo a adotar as crenças e comportamentos dos pais, observando-se novamente a importância e o poder que os pais têm na educação e no desenvolvimento dos indivíduos. Os pais são um essencial agente de socialização política e detém capacidades para influenciarem os seus filhos nas suas decisões políticas, sendo estes os primeiros a introduzirem os filhos neste domínio. Gostaria de salientar e dando a minha opinião muito pessoal de que os pais deviam ser mais motivados a abordarem assuntos políticos com os seus filhos desde cedo, uma vez que os filhos terão tendência para absorverem os seus comportamentos e construir a sua identificação com base nestes.

Conclusão

Neste capítulo pretende-se ressaltar o propósito deste estudo, nomeando as limitações existentes, considerações e ideias para investigações à priori.

Este estudo vai ressaltando no seu decorrer a importância e pertinência de estudar-se o impacto dos pais nas decisões de vida futuras dos seus filhos nomeadamente nas decisões políticas. Já são muitos os estudos que incidem na transmissão parental de ideologias e comportamentos políticos contudo, tem se observando mudanças ao longo dos tempos, mudanças na influência dos pais nos filhos, a influência de agentes socializadores externos, como os pares e os professores, sendo então essencial que exista renovação neste campo.

Aponta-se como uma limitação o facto de neste estudo apenas considerar-se dois grupos de investigação, os *Seguros* e os *Inseguros*, contudo, dentro do grupo dos *Inseguros* temos grupos muito distintos porém, devido à reduzida dimensão amostral, não foi possível avaliar de forma mais aprofundada estes grupos. Outra limitação é o facto de o questionário ser respondido apenas pelo indivíduo, sendo que em questões relacionadas com os comportamentos eleitorais dos pais o indivíduo pode não responder com tanta veracidade como se fosse o próprio pai a responder. É ainda reconhecido como limitação o facto de termos uma baixa amplitude relativa à idade dos participantes levando a que os resultados relativos à idade não se demonstrem significativos, algo que, se houvesse uma maior amplitude de idades poderia verificar-se resultados distintos e talvez mais explicativos. Este estudo como não teve uma dimensão amostral elevada levou a que algumas análises pudessem estar um pouco condicionadas e acabassem por não traduzir com total veracidade a influência de cada variável em estudo.

Como sugestão para investigações futuras penso que uma análise qualitativa sobre este mesmo tema seria pertinente e traria informações adicionais bastante esclarecedoras, um *focus group* seria uma opção. Era ainda interessante recolher-se informação, não apenas através dos filhos, mas também obter o relato dos pais utilizando-se um outro questionário que complementasse a informação recolhida pelas respostas do participante.

Referências Bibliográficas

- Acock, A. C., & Bengtson, V. L. (1978). On the relative influence of mothers and fathers: A covariance analysis of political and religious socialization. *Journal of Marriage and the Family*, 519-530. doi: 10.2307/350932.
- Ainsworth, M.D.D., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum. doi: 10.4324/9780203758045.
- Armstrong, G. M. (2012). *Examining the parent-child political relationship* (Doctoral dissertation, Oklahoma State University).
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 2, 226-244. doi:10.1037/0022-3514.61.2.226.
- Beck, P. A., & Jennings, M. K. (1991). Family traditions, political periods, and the development of partisan orientations. *The Journal of Politics*, 53(3), 742-763. Doi: 10.2307/2131578.
- Berglund, F., Holmberg, S., Schmitt, H., & Thomassen, J. (2005). *Party identification and party choice* (pp. 106-24). na. doi: 10.1093/0199273219.003.0005.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Vol. 2: Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (2008). *A secure base*. London [u.a.]: Routledge
- Buist, K. L., Deković, M., Meeus, W., & van Aken, M. A. (2002). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of youth and adolescence*, 31(3), 167-176. doi: 10.1023/A:1015074701280.
- Cabral, M. V. (1995). Grupos de simpatia partidária em Portugal: perfil sociográfico e atitudes sociais. *Análise Social*, 175-205.
- Cabral, M. V. (2000). O exercício da cidadania política em Portugal. *Análise Social*, 85-113. doi: 10.1590/S0102-69092003000100005.

- Campbell, A., Converse, P. E., Miller, W. E., & Donald, E. Stokes (1960): *The American Voter*. Unabridged Edition. Chicago und London. Doi: 10.1126/science.132.3420.138.
- Campbell, J. E., Munro, M., Alford, J. R., & Campbell, B. A. (1986). Partisanship and voting. *Research in micropolitics*, 1, 99-126.
- Carlos, M. F. F. (2015). Socialização política e participação: como o processo de socialização influencia a participação política dos indivíduos
- Coffé, H., & Voorpostel, M. (2010). Young people, parents and radical right voting. The Case of the Swiss People's Party. *Electoral Studies*, 29(3), 435-443. doi: 10.1016/j.electstud.2010.03.015.
- Cohen, J. (1988). Statistical power analysis for the behavioral sciences. 2nd. doi: 10.1016/B978-0-12-179060-8.50012-8.
- Freire, A. (2001). *Modelos do comportamento eleitoral: uma breve introdução crítica*. Celta Editora.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1996). *Adult attachment interview*. The Authors. Doi: 10.13140/2.1.4050.6561.
- Gouveia, T., & Matos, P. M. (2011). Manual QVPM–questionário de vinculação ao pai e à mãe. Retirado de <https://sites.google.com/site/manualqvpm>.
- Green, D. P., & Palmquist, B. (1994). How stable is party identification?. *Political Behavior*, 16(4), 437-466.
- Greene, S. (2002). The social-psychological measurement of partisanship. *Political Behavior*, 24(3), 171-197.
- Jalali, C., & Cabral, R. (2003). A investigação do comportamento eleitoral em Portugal: história e perspectivas futuras. *Análise Social*, 545-572.
- Jennings, M. K., & Langton, K. P. (1969). Mothers versus fathers: The formation of political orientations among young Americans. *The Journal of Politics*, 31(2), 329-358. doi: 10.2307/2128600.

- Jennings, M. K., & Niemi, R. G. (1968). The transmission of political values from parent to child. *American political science review*, 62(1), 169-184. doi: 10.1017/S0003055400115709.
- Jennings, M. K., Stoker, L., & Bowers, J. (2009). Politics across generations: Family transmission reexamined. *The Journal of Politics*, 71(3), 782-799. doi: 10.1017/s0022381609090719.
- Key Jr, V. O. (1959). Secular realignment and the party system. *The Journal of Politics*, 21(2), 198-210. doi: 10.2307/2127162.
- Langton, Kenneth P. *Political Socialization*. New York: Oxford University Press, 1969. Print.
- Lewis-Beck Michael, S., Jacoby William, G., & Norpoth Helmut, W. H. F. (2008). The American voter revisited. *Ann Arbor: University of Michigan Press*. doi: 10.3998/mpub.92266.
- Maroco, J. (2007). *Analise estatística: com utilizacao do SPSS*. 3o Edicao. Lisboa: Edicoes Silabo.
- Matos, P. M. (2002). (Des) continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes.
- Monteiro, L. M. S. (2007). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai.
- Niemi, R. G. (1992). *Classics In Voting Behavior Paperback Edition*. Cq Press.
- Niemi, R. G., & Jennings, M. K. (1991). Issues and inheritance in the formation of party identification. *American Journal of Political Science*, 970-988. doi: 10.2307/2111502
- Niemi, R. G., Weisberg, H. F., & Kimball, D. C. (Eds.). (2001). *Controversies in voting behavior* (p. 1). Washington, DC: CQ Press.
- Nieuwbeerta, P., & Wittebrood, K. (1995). Intergenerational Transmission of Political Party Preference in the Netherlands. *Social Science Research*, 24, 19. doi: 10.1006/ssre.1995.1009.

- Ojeda, C., & Hatemi, P. K. (2015). Accounting for the Child in the Transmission of Party Identification. *American Sociological Review*, 80(6), 1150-1174. doi: 10.1177/0003122415606101.
- R Murray, G., & Mulvaney, M. K. (2012). Parenting styles, socialization, and the transmission of political ideology and partisanship. *Politics & Policy*, 40(6), 1106-1130. doi: 10.1111/j.1747-1346.2012.00395.x.
- Souza Carreirão, Y., & Kiinzo, M. D. A. (2004). *Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil (1989/2002)*. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. doi: 10.1590/S0011-52582004000100004.
- Taris, T. W., & Semin, G. R. (1997). Passing on the Faith: how mother-child communication influences transmission of moral values. *Journal of Moral Education*, 26(2), 211-221. doi: 10.1080/0305724970260208.
- Westholm, A. (1999). The perceptual pathway: Tracing the mechanisms of political value transfer across generations. *Political Psychology*, 20(3), 525-551. doi: 0.1111/0162-895X.00155.
- Valentino, N. A., & Sears, D. O. (1998). Event-driven political communication and the preadult socialization of partisanship. *Political Behavior*, 20(2), 127-154. doi: 10.1023/A:1024880713245.

Anexos

1. Questionário Sociodemográfico e Identificação Partidária

No âmbito da minha Dissertação de mestrado **pretendo estudar a associação entre as relações de vinculação que o participante possui com os seus pais e a sua identificação partidária**. Esta recolha inclui dois questionários, o primeiro relacionado com o teu envolvimento político e com questões sociodemográficas e o segundo relativo à tua relação de vinculação com o teu pai e a tua mãe, separadamente.

Consentimento informado

A participação neste estudo é voluntária e cada participante tem o direito de abandonar a qualquer momento a sua colaboração.

É de realçar que em nenhum momento os participantes serão identificados e os dados obtidos servirão somente para os fins de investigação a que se destinam.

A tua participação é fundamental para a prossecução dos objetivos desta investigação e apenas demorará alguns minutos do teu tempo. Desde já obrigada pela tua disponibilidade na participação deste estudo e reforço a importância da mesma para alcançar os objetivos desta investigação.

Se pretenderes ter acesso aos resultados desta investigação poderás enviar um e-mail para o destinatário up201303650@fpce.up.pt

QUEST Nº	Idade _____	SEXO Masculino ☐ Feminino ☐
-----------------	--------------------	--

P1 – Votaste nas últimas eleições legislativas em 2015 (para eleger o governo e o primeiro-ministro)?

Sim ☐

Não ☐

P1.1 – E votaste nas últimas eleições autárquicas em 2017?

Sim ☐

Não ☐

P2- Das seguintes frases, qual a que melhor descreve o teu caso?

Não votou nas eleições legislativas de 2015, porque não pôde ☐

Pensou em votar desta vez, mas não o fez ☐

Normalmente vota mas desta vez não o fez ☐

Não sabe ☐

Não responde ☐

P3 – Independentemente de teres votado ou não nas legislativas de 2015, podes dizer-me quando tomaste a decisão de votar ou não votar?

No dia das eleições ☐

Na véspera das eleições ☐

Na semana antes das eleições ☐

No mês antes das eleições ☐

Mais de um mês antes das eleições ☐

Não sabe ☐

Não responde ☐

P4 – Com que frequência falas sobre campanhas eleitorais com a tua família: dirias que o fazes frequentemente, ocasionalmente, raramente ou nunca?

Frequentemente ☐

Ocasionalmente ☐

Raramente ☐

- Nunca..... ☐
- Não sabe..... ☐
- Não responde ☐

P4a – Acha que os seus familiares apoiam o mesmo partido que tu apoias ou que apoiam outro partido?

- Apoiam o mesmo partido ☐
- Apoiam outro partido ☐
- Não apoiam nenhum partido..... ☐
- Não sabe ☐
- Não responde ☐

P5 – Com que frequência falas sobre campanhas eleitorais com os teus amigos: dirias que o fazes frequentemente, ocasionalmente, raramente ou nunca?

- Frequentemente ☐
- Ocasionalmente ☐
- Raramente ☐
- Nunca..... ☐
- Não sabe..... ☐
- Não responde ☐

P5a – Achas que os teus amigos apoiam o mesmo partido que tu apoias ou que apoiam outro partido?

- Apoiam o mesmo partido ☐
- Apoiam outro partido ☐
- Não apoiam nenhum partido..... ☐
- Não sabe..... ☐
- Não responde ☐

P6 – Identificas-te com algum Partido Político?

- Sim ☐
- Não ☐ (Passar para a P7)

P6.1 – Se sim, com qual?

- Bloco de Esquerda ☐
- CDS-PP ☐
- CDU ☐
- Partido Ecologista – Os Verdes ☐
- PCP ☐
- PPD-PSD ☐
- PS ☐
- Outro ☐

P6.2– Sentes-te muito próximo/a desse partido, razoavelmente próximo/a, ou dirias que és meramente simpatizante desse partido?

- Muito próximo ☐
- Razoavelmente próximo ☐
- Meramente simpatizante ☐
- Não sabe..... ☐
- Não responde ☐

P7– Se não te identificas com algum partido, consideras-te um pouco mais próximo/a de um dos partidos políticos do que dos outros?

- Sim ☐
- Não ☐
- Não sabe ☐
- Não responde ☐

P8 – Podes dizer-me, por favor, qual é esse partido?

- Bloco de Esquerda ☐
- CDS-PP ☐
- CDU ☐
- Partido Ecologista – Os Verdes ☐
- PCP ☐
- PPD-PSD ☐
- PS ☐

Outro ☐

Não sabe ☐

Não responde ☐

P9– Sentes-te muito próximo/a desse partido, razoavelmente próximo/a, ou dirias que és meramente simpatizante desse partido?

Muito próximo ☐

Razoavelmente próximo ☐

Meramente simpatizante ☐

Não sabe..... ☐

Não responde ☐

P10 – O teu pai identifica-se com algum partido político?

Sim ☐

Não ☐ (Passar para P11)

Não sabe ☐ (Passar para P11)

P10.1 – Se sim, na tua opinião, qual é o partido com que o teu pai se identifica?

Bloco de Esquerda ☐

CDS-PP ☐

CDU ☐

Partido Ecologista – Os Verdes ☐

PCP ☐

PPD-PSD..... ☐

PS..... ☐

Outro..... ☐

P11 – A tua mãe identifica-se com algum partido político?

Sim ☐

Não ☐ (Passar para P12)

Não sabe ☐ (Passar para P12)

P11.1 – Se sim, na tua opinião, qual é o partido com que a tua mãe se identifica?

Bloco de Esquerda ☐

CDS-PP ☐

CDU ☐

Partido Ecologista – Os Verdes ☐

PCP ☐

PPD-PSD ☐

PS ☐

Outro ☐

P12 – Numa escala de 0-10, onde 0 significa Nada próximo e o 10 significa Muito próximo, como Te posicionarias relativamente à tua proximidade com cada partido abaixo assinalado.

	PARTIDO	REGISTAR RESPOSTA
1	Bloco de Esquerda	
2	CDS-PP	
3	CDU (PCP-PEV)	
4	PPD-PSD	
5	PS	
6	LIVRE/Tempo de Avançar	
7	PDR	
8	OUTRO	

P13 - Qual é a probabilidade de alguma vez vires a votar nos seguintes partidos? Numa escala em que 0 significa nada provável e 10 muito provável?

	PARTIDO	REGISTAR RESPOSTA	Não Conheço	Não Sabe	Não Responde
1	Bloco de Esquerda		☐	☐	☐
2	CDS-PP		☐	☐	☐
3	CDU (PCP-PEV)		☐	☐	☐
4	PPD-PSD		☐	☐	☐
5	PS		☐	☐	☐
6	PAN		☐	☐	☐

P14 – Em política, as pessoas por vezes falam de esquerda e direita. Onde te posicionarias em cada um dos seguintes partidos numa escala de 0 a 10, onde 0 significa esquerda e 10 significa direita?

	PARTIDO	REGISTAR RESPOSTA	Não Conheço	Não Sabe	Não Responde
1	Bloco de Esquerda		☐	☐	☐
2	CDS-PP		☐	☐	☐
3	CDU (PCP-PEV)		☐	☐	☐
4	PPD-PSD		☐	☐	☐
5	PS		☐	☐	☐
6	PAN		☐	☐	☐

P15– Em política, as pessoas por vezes falam de esquerda e direita. Onde é que te posicionarias a ti próprio numa escala de 0 a 10, onde 0 significa esquerda e 10 significa direita?

RESPOSTA.....

Não sabe☐

Não responde☐

P16 - Durante a campanha eleitoral das eleições legislativas de 2015 com que frequência acompanhaste as notícias sobre política através da Rádio?

Diariamente / Quase todos os dias ☐

3-4 dias por semana..... ☐

1-2 dias por semana..... ☐

Com menos frequência..... ☐

Nunca..... ☐

Não sabe..... ☐

Não responde ☐

P17 – Durante a campanha eleitoral das eleições legislativas de 2015 com que frequência acompanhaste as notícias sobre política através da Televisão?

Diariamente / Quase todos os dias ☐

3-4 dias por semana..... ☐

1-2 dias por semana..... ☐

Com menos frequência..... ☐

Nunca..... ☐

Não sabe..... ☐

Não responde ☐

P18 – Durante a campanha eleitoral das eleições legislativas de 2015 com que frequência acompanhaste as notícias sobre política através da internet?

Diariamente / Quase todos os dias..... ☐

3-4 dias por semana..... ☐

1-2 dias por semana..... ☐

Com menos frequência..... ☐

Nunca..... ☐

Não sabe..... ☐

Não responde ☐

P19 – Utilizaste o computador ou um dispositivo móvel para receber informação sobre a campanha eleitoral das legislativas de 2015 de fontes como páginas online, e-mail, redes sociais, aplicativos ou mensagens?

Sim ☐

Não ☐

Não sabe..... ☐

Não responde ☐

Gostaria agora de te fazer algumas questões de caracterização, apenas para fins estatísticos.

P20 – Atualmente estás inscrito/a em que distrito, no recenseamento eleitoral? -----

P21 - Indica, por favor, as habilitações literárias do teu pai. Escolhe apenas uma das opções seguintes:

☐ Nunca estudou

☐ Ensino básico 1.º ciclo – 4.º ano (antiga instrução primária – 4.ª classe)

☐ Ensino básico 2.º ciclo – 6.º ano (antigo ciclo preparatório)

☐ Ensino básico 3.º ciclo – 9.º ano (antigo 5.º liceal/secundário unificado)

☐ Ensino secundário – 12.º ano (antigo 7.º liceal/propedêutico/complementar)

☐ Ensino pós-secundário (cursos de especialização tecnológica, nível IV)

☐ Ensino superior (bacharelato ou licenciatura)

☐ Ensino superior pós-graduado (mestrado, doutoramento ou pós-doutoramento)

P22 - Indica, por favor, as habilitações literárias da tua mãe. Escolhe apenas uma das opções seguintes:

- ☐ Nunca estudou
- ☐ Ensino básico 1.º ciclo – 4.º ano (antiga instrução primária – 4.ª classe)
- ☐ Ensino básico 2.º ciclo – 6.º ano (antigo ciclo preparatório)
- ☐ Ensino básico 3.º ciclo – 9.º ano (antigo 5.º liceal/secundário unificado)
- ☐ Ensino secundário – 12.º ano (antigo 7.º liceal/propedêutico/complementar)
- ☐ Ensino pós-secundário (cursos de especialização tecnológica, nível IV)
- ☐ Ensino superior (bacharelato ou licenciatura)
- ☐ Ensino superior pós-graduado (mestrado, doutoramento ou pós-doutoramento)

P23 - Classifica, por favor, a profissão do teu pai de acordo com o nível socioeconómico a que consideras corresponder. Escolhe apenas uma das opções seguintes:

- ☐ Baixo
- ☐ Médio-baixo
- ☐ Médio
- ☐ Médio-alto
- ☐ Alto
- ☐ Outro. Qual? _____

P24 - Classifica, por favor, a profissão da tua mãe de acordo com o nível socioeconómico a que consideras corresponder. Escolhe apenas uma das opções seguintes:

- ☐ Baixo
- ☐ Médio-baixo
- ☐ Médio
- ☐ Médio-alto
- ☐ Alto
- ☐ Outro. Qual? _____

P25 – Qual foi o grau de escolaridade mais elevado que atingiste?

- Nenhum ☐
- Primário incompleto ☐
- Primário completo (4ª classe) ☐
- Secundário incompleto ☐
- Secundário completo (antigo 7º/ actual 12º ano)..... ☐
- Superior incompleto ☐
- Superior completo (licenciatura...)..... ☐
- Mestrado.....☐
- Doutoramento.....☐
- Pós-Graduação.....☐
- Não sabe.....☐
- Não responde.....☐

P26 – Qual é o teu estado civil atual?

- Casado(a)/ vive em união de facto ☐
- Viúvo(a) ☐
- Divorciado(a) ou separado(a) ☐
- Solteiro(a) ☐
- Não sabe ☐
- Não responde ☐

P27– Vamos agora falar da tua situação face ao trabalho. Qual é a tua situação profissional atual?

Empregado a tempo inteiro (40 ou mais horas semanais)
.....☐

Empregado a tempo parcial (entre 15 e 39 horas semanais)
.....☐

Empregado menos que o tempo parcial (14 ou menos horas semanais)
.....☐

Trabalhador familiar não remunerado☐

Desempregado☐

Estudante/na escola/em formação profissional☐

Doméstica/ocupa-se das tarefas do lar☐

Outra situação☐

Não sabe.....☐

Não responde☐

P28 – Onde nasceste: em Portugal, numa ex-colónia portuguesa, Brasil ou noutro país?

Portugal☐

Ex-Colónia☐

Brasil☐

Noutro país☐

Não sabe.....☐

Não responde☐

**Chegámos ao final deste questionário.
Uma vez mais agradeço a tua
colaboração até agora, falta apenas um
breve questionário. Obrigada pelo tempo
que nos dispensaste.**

2. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

QVPM

Paula Mena Matos & Maria Emília Costa, 2001
Versão revista para investigação – IV

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) as respostas que melhor exprimem o modo como se sente com cada um dos seus pais. Responda em colunas separadas para o pai e para a mãe, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

Disordo Totalmente 1	Disordo 2	Disordo Moderadamente 3	Concordo Moderadamente 4	Concordo 5	Concordo Totalmente 6
			MÃE		
Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo.					
1	2	3	4	5	6
Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo.					
1	2	3	4	5	6
É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso.					
1	2	3	4	5	6
Os meus pais impõem a maneira deles de ver as coisas.					
1	2	3	4	5	6
Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles são únicos para mim.					
1	2	3	4	5	6
Penso constantemente que não posso viver sem os meus pais.					
1	2	3	4	5	6
Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova.					
1	2	3	4	5	6
Os meus pais conhecem-me bem.					
1	2	3	4	5	6
Só consigo enfrentar situações novas se os meus pais estiverem comigo.					
1	2	3	4	5	6
Não vale muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais damos o braço a torcer.					
1	2	3	4	5	6
Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.					
1	2	3	4	5	6
Estou sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.					
1	2	3	4	5	6

Disoordo Totalmente	Disoordo	Disoordo Moderadamente	Conoordo Moderadamente	Conoordo	Conoordo Totalmente							
1	2	3	4	5	6							
			MÃE		PAI							
Os meus pais preocupam-se demasiadamente comigo e intrometem-se onde não são chamados.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Em muitas coisas eu admiro os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
E eu e os meus pais é como se fôssemos um só.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Em minha casa é problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tenho orgulho neles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais são as únicas pessoas importantes na minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Discutir assuntos com os meus pais é uma perda de tempo e não leva a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Ser que posso contar com os meus pais sempre que precisar deles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Faço tudo para agradar aos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais dificilmente me dão ouvidos.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais têm um papel importante no meu desenvolvimento.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Tenho medo de ficar sozinho(a) se um dia perder os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais abafam a minha verdadeira forma de ser.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais fazem-me sentir bem consigo próprio(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Os meus pais têm a mania que sabem sempre o que é melhor para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido(a).	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
Eu e os meus pais temos uma relação de confiança.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

QUESTIONÁRIO DE VINCULAÇÃO AO PAI E À MÃE - QVPM

Paula Mena Matos & Marla Emília Costa, 2001

Versão revista

DIMENSÕES

INIBIÇÃO DA EXPLORAÇÃO E INDIVIDUALIDADE (n = 10)

Itens: 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28

QUALIDADE DO LAÇO EMOCIONAL (n = 10)

Itens: 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 27, 30

ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO (n = 10)

Itens: 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 26, 29

3. Parecer da Comissão de Ética



COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Ref: 2018/04-3c)

A Comissão de Ética (CE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo examinado os documentos relativos ao "O impacto da vinculação na identificação partidária dos jovens adultos", apresentado por Beatriz Carvalho e orientado pelo Professor Patrício Costa, emite parecer favorável à realização do projeto tal como apresentado.

Parecer favorável

A CE é favorável à realização do projeto tal como apresentado.

FPCEUP, 3 de julho de 2018

A Presidente,

Prof. Carínda Leite